

Eduardo Albano Moreira

**A clínica psicanalítica de Franklin Goldgrub e sua articulação com Freud e Lacan**

Curso de Psicologia  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo  
2010

## **A clínica psicanalítica de Franklin Goldgrub e sua articulação com Freud e Lacan**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profa. Paula Perón

**Autor:** Eduardo Albano Moreira

**Email:** dumoreira@mac.com

**Título:** A clínica psicanalítica de Franklin Goldgrub e sua articulação com Freud e Lacan

**Ano:** 2010

**Orientadora:** Profa. Paula Perón

## RESUMO

O trabalho consiste em uma descrição da abordagem clínica do psicanalista Franklin Goldgrub baseada em revisão de sua bibliografia e em entrevista - anexada a esse trabalho - realizada com o autor na PUC-SP, seguida de discussões acerca da articulação de sua visão com alguns escritos de Freud e Lacan. O primeiro capítulo trata de esclarecer alguns pontos principais da obra do psicanalista e é seguido, no segundo capítulo, por uma elaboração sobre os textos de Freud que embasariam seu posicionamento. Dois textos - "A Interpretações dos Sonhos" e "Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise" - dão o tom da articulação de Franklin Goldgrub com os escritos do pai da psicanálise. A influência da obra de Lacan na abordagem de Goldgrub é o foco do terceiro capítulo. Os conceitos lacanianos de Real e Gozo são trabalhados para delimitar o que na perspectiva lacaniana fica fora da leitura de Goldgrub. O capítulo seguinte discute a relação entre a teoria do sujeito e a teoria do método na clínica psicanalítica partindo da concepção de Franklin Goldgrub. Nesse ponto, há o questionamento da separação desses campos proposta pelo psicanalista. A conclusão sugere que a abordagem de Goldgrub, embora claramente baseada em Freud e Lacan, baseia-se numa leitura pontual desses autores que tanto leva às últimas consequências certos conceitos quanto deixa de fora outros tidos como centrais às concepções tradicionais da psicanálise. A psicanálise de Franklin Goldgrub é, portanto, na visão desse trabalho, outra psicanálise.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Goldgrub, Freud, Lacan, Linguagem, Interpretação

## Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>2. A clínica psicanalítica de Franklin Goldgrub .....</b>	<b>4</b>
2. 1. O instante da interpretação.....	5
2. 2. A Máquina do Fantasma .....	6
2. 3. Desmetaforização .....	9
2. 4. O ganho da clínica: o aumento da liberdade de escolha.....	11
2. 5. A Metáfora Opaca: o sentido das associações .....	12
2. 6. A necessidade do adensamento das associações .....	14
2. 7. O sacerdócio da escuta .....	15
<b>3. Franklin Goldgrub interpreta a clínica de Freud.....</b>	<b>16</b>
3. 1. De sonho a discurso .....	17
3. 2. Atenção Flutuante X Associação Livre.....	19
3. 3. Análise X Interpretação .....	22
3. 4. Perto da essência da psicanálise?.....	23
<b>4. Franklin Goldgrub e a psicanálise de Lacan.....</b>	<b>25</b>
4. 1. O estilo de Lacan .....	25
4. 2. O Real e a Coisa (das Ding) .....	27
4. 3. Gozo .....	32
4. 4. Psicanálise Estrutural.....	34
<b>5. Teoria do Método X Teoria do Sujeito.....</b>	<b>36</b>
5. 1. Clínica como discurso e escuta .....	37
5. 2. Generalização X Particularidade .....	38
<b>6. Conclusão - outra psicanálise.....</b>	<b>43</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>47</b>
<b>Anexo - Entrevista com Franklin Goldgrub.....</b>	<b>49</b>

## 1. Introdução

“Psicanálise não é psicologia”, ouve o estudante em alguma aula inicial. Questiona, então (e desde então), do que se trata a psicanálise. Será uma ciência? Será uma filosofia? Um método clínico? Uma descoberta encoberta? Quais seus alcances? Quais seus limites? Para além dos panfletos de cursos livres (ou presos) em instituições variadas, em grupos de estudo orientados por esse ou aquele avatar - ou na linha desse ou daquele avatar - existe o consultório e sua pergunta: o que fazer? É na tentativa de começar a responder a essa pergunta que o presente trabalho se orienta. Na verdade, esse trabalho começa a partir de uma resposta de Franklin Goldgrub a essa pergunta (ouvida em alguma aula do Curso de Psicologia da PUC de São Paulo): o analista sabe que não sabe, o paciente não sabe que sabe. Na clínica psicanalítica de Franklin Goldgrub, o psicanalista aprende a não saber.

Franklin Goldgrub é professor titular do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-São Paulo e psicólogo clínico, com mestrado em Filosofia e doutorado em Linguística. É autor de vários livros e artigos em psicanálise, entre eles “A Metáfora Opaca” (2004) e “O Neurônio Tagarela” (2001). Trata-se de um dos professores mais importantes dessa faculdade, várias vezes convidado a discursar como paraninfo dos formandos de psicologia e um dos coordenadores das disciplinas básicas de psicanálise na graduação. Seu ensino propõe uma leitura diferenciada do legado de Freud e Lacan, leitura essa que poderíamos dizer sem risco ser constituinte de uma abordagem original. A pergunta desse trabalho gira justamente em torno desse ponto. De onde vem essa abordagem? Qual sua filiação? O que combate, o que endossa? Quais seriam seus ganhos? As aulas do Curso de Psicologia da PUC-SP não foram suficientes para responder a tais perguntas. A bibliografia do autor, por outro lado, apresenta uma dificuldade a mais: deve-se saber sobre Lacan, Benveniste, Saussure, Freud. Não se trata de uma obra fácil ao neófito, pois, embora o estilo de Goldgrub seja livre de hermetismos, seu texto requisita do leitor embasamento prévio em psicanálise.

Como aluno de Goldgrub, trilhei o caminho de trás para a frente. Primeiro assisti a suas aulas e li seus livros e só depois fui atrás dos autores que ele citava - com críticas ou elogios. O presente trabalho tem a marca desse segundo momento. Como pesquisa em psicanálise, a intenção foi investigar sobre a filiação de um discurso. Descubro Franklin Goldgrub como um leitor de Freud e Lacan com características particulares e não isento de radicalismo. Compreender o que estrutura sua leitura é questão mais complexa. Será essa busca análoga àquela de uma sessão de psicanálise qualquer? Poderíamos tomar a bibliografia como um grande conjunto de associações livres e tentar escutar a estrutura do desejo por detrás dos enunciados? Minha intenção é justamente essa. Mas o interesse não é revelar a personalidade de qualquer um dos autores. O caminho é trilhado objetivando

uma compreensão maior dos pontos de contato e oposição da obra de Goldgrub em relação às de Freud e Lacan, e do ganho criativo resultante desse embate. Trata-se, psicanaliticamente, de investigar sobre algo como a identificação. Goldgrub é filho de Freud e Lacan. Com um se identifica e questiona, com outro também se identifica, mas não sem crítica.

Aprofundar-se nessa trama de conceitos e opiniões, de tempos e paradigmas é, acredito, de grande importância para o estudo da psicanálise. Primeiro porque se trata de um autor contemporâneo, brasileiro e atuante, cuja obra prima por coerência e profundidade. Segundo porque, é inevitável notar, Goldgrub tem uma leitura bastante pessoal da psicanálise. Terceiro porque a acumulação de discussões sobre a clínica psicanalítica parece ser fundamental em tempos em que, talvez desastrosamente, a neurociência e as práticas experimentais ganham terreno a cada dia, à custa de uma compreensão mais elaborada do fenômeno da subjetividade humana. Atos médicos, drogas, laboratórios... mas o inconsciente continua lá, produzindo sentidos, frustrando, surpreendendo e puxando o pé dos dormentes para além da objetividade. A clínica psicanalítica não é mais útil hoje do que antes. O inconsciente, tal qual a linguagem, não conhece tempo. A clínica psicanalítica apenas continua sendo o que sempre foi: um local íntimo, reservado à particularidade absoluta do analisando. E o psicanalista tem sempre de questionar seu papel nesse lugar. Começamos pela clínica de Franklin Goldgrub e veremos para onde sua investigação nos levará. O que diz do método de Freud, dos Escritos e Seminários de Lacan? O que cria de original? O presente trabalho gira em torno da pergunta: que clínica, afinal, é essa?

O método adotado para tentar respondê-la começa com uma revisão bibliográfica dos textos de Freud e Lacan que Franklin Goldgrub mais cita em seus livros. A leitura desses autores se deu com o questionamento da visão que Goldgrub desenvolveu a partir deles - seja ela crítica ou consonante. Após essa primeira leitura, realizei uma entrevista (anexada a este trabalho) com o autor objetivando clarear alguns de seus conceitos-chave para além de sua bibliografia. A análise do que se apresentou como um adensamento de enunciados dos três autores (Goldgrub, Freud e Lacan) teve um foco psicanalítico na medida em que visou escutar o sentido da relação entre os textos. Importante ressaltar, nesse ponto, que optei por utilizar um grande número de citações diretas dos três autores e alguns outros. A intenção conecta-se com a idéia de um adensamento dos enunciados que preserve o estilo dos autores, a dimensão significativa do que foi escrito ou falado. Aqui a psicanálise como paradigma de interpretação do discurso foi fundamental. Não procurei situar historicamente ou sociologicamente os escritos dos autores, mas escutar suas palavras e deixar os pontos de tensão e harmonia saltarem à minha compreensão apenas pelo acento decorrente da relação - em alguns momentos estritamente estilística - entre eles. Algumas passagens, inclusive, geraram buscas a outros autores, como se o texto

associasse livremente. De Freud fui a Saussure, de Lacan fui a Merleau-Ponty e assim por diante. Os textos chamaram-se uns aos outros como as imagens dos sonhos chamam as memórias da vida de vigília. Após esse adensamento, um possível sentido ficou visível. Esse processo, em sua liberdade associativa, é estritamente psicanalítico.

O primeiro capítulo apresenta em linhas gerais a definição de clínica psicanalítica para Franklin Goldgrub. A seguir, alguns escritos de Freud sobre técnica - em especial "A Interpretação dos Sonhos" (FREUD, [1900] 2001) e "Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise" (FREUD, [1912] 1969) - são comentados na tentativa de identificar sua influência sobre a obra de Goldgrub. Os conceitos de interpretação e atenção flutuante são o centro desse capítulo, cujo objetivo foi investigar sua origem em Freud e questionar a profundidade atribuída a eles por Goldgrub. Lacan é o próximo autor, foco do terceiro capítulo. Nesse ponto a discussão caminhou mais para as diferenças da obra de Goldgrub em relação à do mestre francês. É de Lacan a inauguração do casamento entre psicanálise e estruturalismo, mas sua elaboração vai mais longe, em direção à lógica matemática e à fenomenologia. Procurei investigar a relação da abordagem de Goldgrub à obra de Lacan através de alguns conceitos que não são incorporados, ou aparecem modificados, à leitura do brasileiro - Real, a Coisa e Gozo. Introduzindo uma conclusão parcial a respeito dos três primeiros capítulos, o quarto capítulo - intitulado "Teoria do Método X Teoria do Sujeito" - visa discutir justamente a existência desse binômio proposto por Goldgrub e não facilmente identificável nas discussões de Freud e Lacan. Qual a conexão entre as instâncias da teoria do sujeito e da teoria do método? Quais seriam, para Goldgrub, as questões envolvidas em sua interferência? Em Freud e Lacan não é possível identificar essa divisão com clareza. Na verdade, é nas "Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise" que Freud ([1912] 1969) alerta para os perigos da influência daquilo que o psicanalista sabe sobre o que se apresenta na clínica. A divisão desses dois territórios - método e sujeito - não é, no entanto, tão proeminente quanto na leitura de Goldgrub. A conclusão, tema do quinto capítulo, é uma discussão acerca daquilo que compreendi como sendo a posição da abordagem de Goldgrub em relação à obra de Freud e Lacan.

Investigar sobre uma abordagem específica, em psicanálise, é sempre também investigar sobre a psicanálise em geral. O presente texto sai de Goldgrub e vai em direção a Freud e Lacan. Poderia, no entanto, ter sido estruturado de trás para diante - Lacan, Freud, Goldgrub - sem perder o caráter de jornada ou viagem pelos escritos dos três autores. Trata-se, novamente, da busca pelas origens de uma abordagem específica. Mas é, acima de tudo, mais uma tentativa de compreender a psicanálise em geral.

## 2. A clínica psicanalítica de Franklin Goldgrub

(...) os modelos atuais da clínica psicanalítica parecem desconsiderar um herança tão honrosa, cujo legado inicial talvez remonte à maiêutica socrática. Na poltrona lacaniana desenha-se a silhueta de um mestre-zen, especialista nas surpresas do non-sense e senhor incontestado do tempo, enquanto a psicanálise conhecida como inglesa promove a primeiro plano a figura de uma educadora continente a quem se endereçariam invariavelmente todas as palavras proferidas na posição horizontal. (GOLDGRUB, 1994, p. 58)

No prólogo de seu livro de 1994, “Freud, Marlowe & Cia.”, o psicanalista Franklin Goldgrub descreve a divisão na clínica psicanalítica atual como fundada no esquecimento do método interpretativo. (p. 57) A descoberta e elaboração deste último, terreno incontestável - para o autor - de “A Interpretação dos Sonhos”, de Freud ([1900] 2001), inaugura a psicologia profunda (ou do inconsciente). No entanto,

(...) ao longo da história da psicanálise (...) o próprio termo ‘interpretação’ foi destituído de seu contorno e passou por tantas reformulações e acréscimos que atualmente designa qualquer coisa. (...) O resgate da metodologia interpretativa passa pela interrogação teórica da prática construída por Freud para desvendar o enigma onírico. A Lacan devem-se tanto o pioneirismo como o abandono prematuro desse empreendimento. (GOLDGRUB, 2004, p.16)

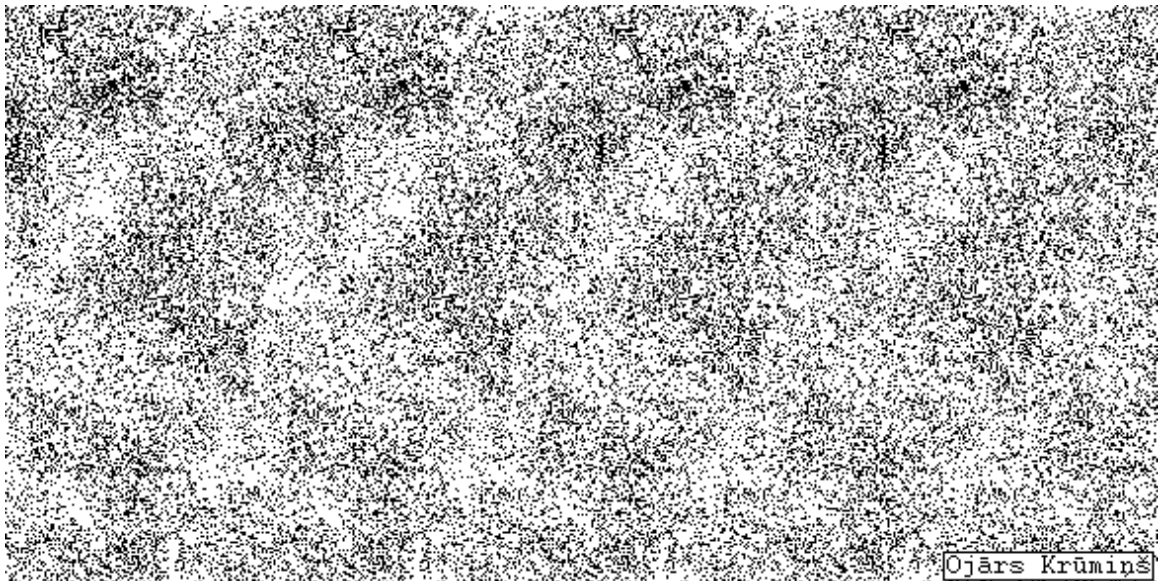
O termo psicanálise, como análise da psique, possa talvez ser um dos culpados pela distância de seus praticantes ao método interpretativo. Como Goldgrub (2004) desenvolve em seu “A Metáfora Opaca”, para ele o método de interpretação do discurso não seria uma análise no sentido da quebra de um todo em partes menores e privilégio de determinados conteúdos sobre outros. Esse, para o autor, é o erro cometido tanto pela escola inglesa – terreno da transferência – quanto pela clínica lacaniana – lugar do privilégio do significante (parte) sobre o discurso (todo). Antes, interpretação na clínica psicanalítica, para Goldgrub, diz respeito à escuta em atenção flutuante da fala em associação livre. Nessa escuta, nada é privilegiado, nada é deixado de lado. Tampouco algo como o conhecimento prévio do sujeito falante é adicionado à presente produção discursiva. Cada sessão é única, cada fala é única e toda a escuta deve se manter no presente. Nenhum significante é pontuado, nenhuma fala é interrompida e nem a transferência é destacada como algo para além das associações livres. A escuta se dá sem as amarras conceituais das teorias do sujeito nem investigações acerca da realidade do que é narrado. O ato interpretativo acontece como produto espontâneo da escuta, sem escolha ou desenvolvimento teórico por parte do analista.

A interpretação é extraída pelo discurso. Quanto mais isso acontecer, mais o psicanalista estará cumprindo o seu papel de deixar que o paciente extraia dele a interpretação. Quer dizer, ele é que vai emitir a interpretação, mas essa missão da interpretação por parte dele é tudo menos pessoal. Quanto mais ele se limitar a

devolver para o paciente aquilo que o paciente eliciu nele... porque é o paciente que provoca a desmetaforização... (ANEXO, p. 53)

## 2. 1. O instante da interpretação

O instante em que o sentido do discurso se revela ao ouvinte pode ser comparado ao salto à visão tridimensional dos desenhos do tipo olho mágico\*:



Olha-se para padrões aparentemente aleatórios num quadro. Ao relaxar-se o foco, a estereoscopia toma lugar, unindo padrões visuais em cada um dos olhos, com as devidas assimetrias necessárias. Uma imagem até então invisível salta do quadro. Boa analogia para a descrição de Franklin Goldgrub do processo de escuta em atenção flutuante a um discurso em associação livre: a escuta é desfocada para que o sentido que estrutura os padrões da fala – até então invisível (inaudível) – revele-se. Em ambos os casos não há intenção de ver ou ouvir. Não se procura saber do inconsciente do falante da mesma forma que não se procura adivinhar qual imagem aparecerá no quadro. A imagem aparece quanto mais se olha sem foco. Da mesma forma, o sentido das associações aparece quanto mais se escuta o todo da fala sem ciência. Saber que o desenho de determinado quadro “olho mágico” é um avião ou uma bola apenas atrapalha a estereoscopia. Da mesma forma, pensar em Édipos, manias, melancolias ou transferências não ajuda na revelação das metáforas – absolutamente pessoais e presentes. E da mesma forma que a estereoscopia é uma propriedade da visão humana, a metaforização é uma propriedade da linguagem. Nesse ponto, a teoria do método interpretativo passa pela noção de sujeito como discurso:

---

\* Imagem disponível em [http://yuehyih.blogspot.com/2008/11/magic-eye\\_05.html](http://yuehyih.blogspot.com/2008/11/magic-eye_05.html)

Se a palavra, proferida em registro interpretativo, é capaz de promover transformações (incluindo a erradicação de sintomas), então o conflito psicológico deve ser igualmente entendido, desse ponto de vista, como um fenômeno da linguagem. (...) Nessa perspectiva, o conceito 'personalidade' é redefinido como 'discurso'; correspondentemente, 'linguagem' designaria um fenômeno não subordinado quer ao social, quer ao orgânico. (GOLDGRUB, 2002, p. 39)

Sobre a interpretação, é necessário delimitar um campo restrito à fala:

Se cabe afirmar que o termo discurso abrange todos os 'comportamentos', manifestos ou não, do sujeito, mesmo assim é exclusivamente sobre a verbalização (o discurso em sentido restrito, ou seja, oral) que incide a intervenção psicanalítica. (GOLDGRUB, 2001, p. 270)

O autor trabalha com a premissa de que não se interpreta um sujeito, mas um discurso. Essa noção não deve ser entendida como uma disciplina de atenção a uma parte do fenômeno que se apresenta na clínica, mas como o foco sobre aquilo que, segundo essa abordagem, faz do humano um sujeito humano: a linguagem.

## 2. 2. A Máquina do Fantasma

Em seu livro "A Máquina do Fantasma", Goldgrub (2001) desenvolve a hipótese de que o processo de aquisição da linguagem é o momento da constituição do sujeito através da identificação. Partindo da abordagem saussureana de Cláudia de Lemos para a aquisição de linguagem, Goldgrub coloca o estádio do espelho, de Lacan, ao lado das primeiras palavras proferidas pela criança – palavras "especulares", imitativas e não articuláveis.

[A palavra especular] não é nem significante nem significado, mesmo se o adulto, ouvindo-a, tende a prismá-la através de seu sistema discursivo já constituído. Que a palavra especular não pertence à língua fica demonstrado tanto pelo seu caráter global (dando lugar à holofrase) como pela sua precária capacidade de combinação. (GOLDGRUB, 2001, p.286)

Associa esse termo às noções de representação de coisa, identificação primária e posição de objeto. Em seguida, identificação secundária é articulada com representação de palavra, cadeia significante e posição de sujeito. A aquisição de linguagem seria o processo que levaria ao amálgama deslizando entre o puro significante - a camada "algaravia" (GOLDGRUB, 2001, p. 285) - e o puro significado - a palavra especular (GOLDGRUB, 2001, p. 286). A hipótese é que o processo de constituição do sujeito, por sua vez, caminharia na direção da concatenação entre a identificação à imagem (de objeto) do outro - âmbito do estádio do espelho - e a passagem ao universal da lei simbólica da linguagem. Ambos os processos implicam um todo que é dividido em partes discretas/articuláveis: de um lado a imagem no espelho que se torna eu em relação ao outro; do outro lado sons ou gestos que comunicam por referência direta ao objeto (palavra especular) e o domínio da cadeia significante que diferencia e articula os primeiros em unidades

combináveis. Posição de objeto estaria para comunicação como posição de sujeito estaria para linguagem. Assim, o caminho à posição de sujeito, a própria castração efetuada pela interdição edípica, aconteceria quando, literalmente, a algaravia – os sons sem sentido da fala infantil – tomasse as palavras especulares, articulando-as. Esse processo produziria o discurso, fazendo com que significante e significado “entrem em correspondência - com todas as polissemias, ambiguidades, mal-entendidos, efeitos poéticos e cômicos, sintomas, etc., que se quiser.” (GOLDGRUB, 2004, p.100)

A identificação do infans com a posição de sujeito expressa-se pela convergência entre o som especular, prisioneiro do objeto mas também aberto a ele, e a cadeia fonética da algaravia, independente do objeto mas também sem acesso a ele. (GOLDGRUB, 2001, p.285)

O discurso resultante do momento da fusão de algaravia (puro significante) e palavra especular (puro significado) é linguagem e, como tal, marcado pela primazia do significante. Esse é o paradigma da linguística estrutural, desenvolvido na teoria do valor de SAUSSURRE (2004, p.131): o sentido da fala se dá com a cadeia sintagmática, através da articulação horizontal dos signos. Isso significa que palavras são tomadas como morfemas e têm seus valores paradigmáticos (seus significados) submetidos à sua posição dentro dos enunciados. Como os fonemas – unidades discretas caracterizadas pela pura diferença e possibilidade de articulação –, os significantes seguem-se uns aos outros produzindo significados por combinação. Essa primazia do significante pode ser relacionada à própria falta instaurada pela castração. Na medida em que a cadeia do puro significante, como algaravia, é “independente do objeto mas também sem acesso a ele” (GOLDGRUB, 2001, p. 285), a ascensão à linguagem retira a criança da ligação indiferenciada ao objeto... de desejo. A falta, assim, é criada pela linguagem. Liga-se a essa visão o fato de que na tópica laciana o registro do simbólico aparecer como o lugar da Lei. É, essencialmente, a lei da linguagem que castra – diferencia – e empurra o indivíduo à posição de sujeito. A castração da submissão ao simbólico faz do Um especular – o Eu-ideal de FREUD ([1914] 2001, p. 112) – um candidato ao UM-ENTRE-OUTROS, de Lacan (apud GOLDGRUB, 2001, p.285) – o ideal-de-eu. A lei da linguagem, assim, cria a subjetividade pela articulação do significado (palavra especular) com o significante (algaravia) sem uma situação de equivalência.

A articulação entre os dois níveis não produz uma situação de equivalência; institui antes uma assimetria em que o significante predominará sobre o significado. Dessa forma, o signo e o discurso emergem simultaneamente. (GOLDGRUB, 2001, p.285)

Então a separação, digamos assim entre aspas, entre o campo desejante e a criança que adquiriu linguagem, essa separação nada mais é que diferenciação: a separação daquele cujo desejo promoveu a existência desse novo ser e esse novo ser que se separa porque adquiriu linguagem. (ANEXO, p. 50)

O Édipo, nesse sentido, é metáfora da posição do sujeito em relação à falta. Trata-se de uma metaforização radical do triângulo edípico, uma perspectiva estruturalista do complexo nuclear da psicanálise. O mecanismo supõe que onde a linguagem incide, ela

diferencia. Homem é diferenciado de natureza, indivíduo é diferenciado do desejo que o trouxe ao mundo. Isso porque, na linguagem, tudo é diferença.

(...) o que diferencia um fonema do outro é a diferença: não se pode dar uma definição positiva de um fonema. E isso vai se repetir em todos os níveis da linguagem. O que diferencia uma palavra da outra é o fato de que ela é um signo, composta de significante – o som – e de significado. E o que diferencia um significante do outro é que, rigorosamente falando, não há sinônimos. Rigorosamente falando há sempre uma acepção da língua e mesmo que sejam sinônimos há sempre uma especialização num código diferente. O que define a morfologia é a diferença entre as entidades morfológicas, tipo substantivo, adjetivo. O que define a sintaxe é a diferença entre as partes do discurso: sujeito, predicado. Quer dizer, a linguagem e toda língua (que é a manifestação da linguagem) é sempre definida pela diferença. (ANEXO, p. 50)

Não haveria, segundo essa abordagem, nada de literal em relação ao triângulo edípico metaforizado pela mãe, pai ou cuidadores. A instauração da falta pela linguagem é que possibilitaria sua metaforização em, por exemplo, conflitos sobre o bebê permanecer como falo da mãe. O falo, nessa leitura, é metáfora de desejo de completude, não é pênis ou aquilo que falta à mãe. Mesmo a mãe não é mãe literal, mas, como propõe Goldgrub (2010), pode ser metáfora de campo desejante e oposta à função normativa - que poderia ser metaforizada em pai, ou função paterna. Tudo, nessa abordagem, é metáfora. O jogo fálico/edípico não estaria literalmente ligado a nada, apenas consistiria em metáfora frequente de completude/falta. Pai e mãe seriam outros nomes para amor incondicional e “condição privilegiada daquele que possui o amor incondicional”. (GOLDGRUB, 2010, p. 165)

Uma justificativa mais plausível para a concepção freudiana seria equiparar a figura feminina (mãe) à representação do amor incondicional, o que explicaria a valorização do homem (ou seja, da masculinidade, representada pelo pênis/falo) enquanto detentor do objeto privilegiado, o amor materno. (GOLDGRUB, 2010, p. 165)

Todo jogo pulsional de Eros e Tânatos estaria circunscrito às regiões de aceitação ou não aceitação da falta. Falta criada pela linguagem que - não sendo nada além da pura diferença entre seus elementos - diferencia a criança (que adquiriu linguagem, ou seria melhor dizer, que foi adquirida pela linguagem) do campo de desejo que a trouxe ao mundo. Os referentes externos da realidade - pai, mãe, pênis, cena primária e etc. - não seriam a causa nem os personagens daquilo que em psicanálise dá-se o nome de Complexo de Édipo. Seriam metáforas possíveis após o ingresso do indivíduo humano na linguagem, pois metaforizariam justamente os efeitos da linguagem ao criar a particularidade do sujeito. Constituiriam-se em regiões semânticas, por assim dizer, cuja encarnação no discurso subjetivo seria sempre particular, mas que seriam anteriores à constatação de suas metáforas. Por exemplo, “(...) a descoberta da diferença anatômica é que seria consequência da constatação da falta, não sua causa.” (GOLDGRUB, 2010, p. 169) E a falta viria, talvez, da própria primazia do significante - terreno da pura diferença - e teria por implicação a absoluta sujeição do humano à individualidade. Como comenta Goldgrub,

o que diferencia um significante do outro é que, rigorosamente falando, não há sinônimos. Rigorosamente falando há sempre uma acepção da língua e mesmo que sejam sinônimos há sempre uma especialização num código diferente. (ANEXO, p. 50)

Sendo um produto da linguagem, o indivíduo humano estaria condenado à ser pura diferença em relação aos outros (não haveriam “sinônimos” humanos) e a si mesmo (também um outro e não um sinônimo). As implicações desse paradigma para a clínica, na leitura de Goldgrub, são profundas. Nada da teoria do sujeito e sua generalidade terá permissão para participar da particularidade do *setting* analítico. A escuta visará apenas e exclusivamente a absoluta originalidade do presente discursivo. Para Franklin Goldgrub, o sujeito, tal qual um elemento qualquer da linguagem, é um diferente/articulado: um discurso... metafórico.

### 2. 3. Desmetaforização

A clínica seria, conseqüentemente, um momento de interação entre dois sujeitos/ discursos: um em atenção flutuante e outro em associação livre. O efeito de desmetaforização viria da interação entre esses dois discursos e seria, assim, um efeito da linguagem e não uma empreitada do analista. Nesse palco, as associações livres - a língua da sessão psicanalítica - seriam, por definição, a fala em que o sentido se revela (GOLDGRUB, 2001) – embora esse sentido esteja presente em qualquer produção discursiva do sujeito - que não seria, segundo essa hipótese, senão um discurso.

Estendendo essa característica à linguagem, pode-se dizer que todo discurso posto em ato, seja qual for seu conteúdo, concretiza, e portanto metaforiza, um sentido abstrato. Desse ponto de vista, qualquer relato é tão figurado como o protagonizado pelas imagens oníricas. (GOLDGRUB, 2004, p. 72)

Na medida em que esse sentido estrutura fantasmagoricamente a comunicação intersubjetiva como desejo inconsciente - ou lógica por detrás da fala - e por nascer da primazia do significante, o terreno da pura diferença, através da diluição do nível paradigmático da linguagem pelo sintagmático, é interessante observar que uma questão quantitativa se coloca: quanto mais longa é a fala, mais o sintagma se sobrepõe ao paradigma e mais o sentido se sobressai à significação – embora seja possível pensar que haja um limite para além do qual o sentido tenderia a se diluir. No caso da escuta que objetiva o sentido, pode-se dizer que “a duração da sessão deve ser estipulada levando em conta o tempo mais propício ao adensamento das associações, condição prévia para a distinção entre conteúdo manifesto e conteúdo latente.” (GOLDGRUB, 2004, p.262)

Nesse ponto aparece a diferença metodológica entre o binômio atenção flutuante/ associações livres e o diálogo - estratégia frequente das psicoterapias. O diálogo implica um discurso entrecortado pelo interlocutor, uma fala mais curta e fragmentada. Tal fala, embora

permeada por sentido/desejo, está mais a serviço de uma escuta literal, comunicativa. Desmetaforizar não é o objetivo de quem ouve a comunicação do que é claramente dito, do que é literalmente dito. Por outro lado, se a desmetaforização é uma característica inerente à linguagem, a interpretação na clínica psicanalítica, segundo Goldgrub, não seria tão diferente da comunicação intersubjetiva cotidiana. Nessa última, é também necessário o silêncio de quem ouve. A questão é que esse silêncio, na medida em que visa a significação do enunciado do interlocutor, não necessita ser longo. Para entendermos uma frase qualquer, alguns segundos de silêncio bastam. Na clínica, pela leitura de Goldgrub, acontece o mesmo processo, mas não seria a significação o objetivo da escuta. O sentido necessitaria de um silêncio mais longo para ser ouvido. Com as associações livres o que se tem é justamente uma fala longa, um oceano de significantes. A atenção flutuante ouve o sentido ao “flutuar” no oceano de significantes sem se ancorar na significação. Embora absolutamente pessoal, tal sentido faz uso, em sua manifestação, das significações provenientes da comunidade linguística – sem as quais não haveria possibilidade de comunicação intersubjetiva - mas se ancora no inconsciente: o objeto da psicanálise.

Como escreveu Lacan ([1968] 2008): “A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala” (p.11) A abordagem de Franklin Goldgrub nos leva para um campo complementar, talvez situado em: a essência da teoria psicanalítica é um discurso sempre presente embora nem sempre falado (manifesto), que se revela espontaneamente a outro discurso desatento às suas significações e sensível a seu sentido. Discurso, nessa perspectiva, sempre presente como sentido estrutural oculto atrás das significações manifestas: sentido metaforizado pelo conjunto das significações. Para Goldgrub, interpretação é, essencialmente, desmetaforização.

Por ser metonímico, entende-se que o discurso de cada sessão apenas representa em alguma medida a totalidade discursiva inacessível; por ser metafórico, entende-se que interpretar não é senão desmetaforizar, ou seja, contrabandear, burlando a alfândega da censura, o discurso substituído (metaforizado). (GOLDGRUB, 2004, p. 97)

A questão do conflito, nessa leitura, estaria justamente nas metáforas conflitivas que podem estruturar determinado conjunto de associações. No entanto, o fato de haver um sentido metafórico sempre presente não significa que tal sentido deva ser necessariamente conflitivo. Goldgrub postula que, para além de neurose e perversão, também a sublimação existe como possibilidade estrutural por detrás das associações de uma sessão. À pulsão de morte - que ele define como não aceitação da falta pela não aceitação do próprio desejo e, conseqüentemente, do desejo do outro - se opõe a pulsão de vida - aceitação da falta, do próprio desejo e do desejo do outro (GOLDGRUB, 2010). O inconsciente poderia se manifestar de maneira não conflitiva, fundando uma relação com a falta na direção da criatividade. A sublimação diria respeito não só à aceitação da falta, mas mesmo à sua celebração. Falta, nesse sentido, como condição para a felicidade - pela possibilidade de

criação do objeto a partir do desejo, alternativa às relações conflitivas com o próprio desejo. (ANEXO, p. 52) O sentido de um dado conjunto de associações pode não ser conflitivo e abrir caminho para uma manifestação do inconsciente como criatividade e possibilidade de escolha. Ou pode ser conflitivo e coercitivo, mas perder esse caráter pela própria desmetaforização. (ANEXO, p. 49)

#### 2. 4. O ganho da clínica: o aumento da liberdade de escolha

A clínica, explica Goldgrub, é justamente o lugar do aumento da possibilidade de escolha por parte do paciente. Não que esse seja o objetivo do psicanalista. Pensar dessa forma seria injetar intencionalidade na clínica e, conseqüentemente, sair da atenção flutuante.

(...) não se pode ter um objetivo. O analista deve ser apenas alguém que interpreta. Mas se a gente fosse buscar fora da metodologia clínica um objetivo, ou nem um objetivo, uma consequência necessária de uma análise bem conduzida... se a gente pudesse definir a consequência de uma análise que deu certo, a consequência seria essa: o aumento da criatividade e da liberdade em tudo que o sujeito faz na vida, desde numa atividade "x", até nos relacionamentos que ele tem. Isso é como que a consequência, mas não buscada pelo analista. É aquilo que inevitavelmente aconteceria: você aumenta a região de aceitação da falta sem que a aceitação da falta seja percebida numa ótica niilista de "então nenhum objeto vale a pena". (ANEXO, p. 52)

O aumento da liberdade de escolha, que viria da ressignificação de conteúdos inconscientes conflitivos, poderia ser pensado como o ganho da clínica. E o prazer, nesse sentido, não estaria apenas no contato com o objeto (que, no caso da perversão, segundo Goldgrub (ANEXO, p. 49), sequer seria experienciado como prazeroso), mas no aumento da liberdade, no aumento da região de aceitação da falta.

Então a idéia de desmetaforização é a idéia de que o caráter ou proibitivo ou compulsivo ligado a certos eventos, neuróticos ou perversos, diminui a liberdade. E o que é sentido como prazer é a liberdade em grau superior. O que nos interessa é essa liberdade. (ANEXO, p. 49)

A estrutura implicada nesse prazer decorrente do aumento da liberdade viria do jogo de Eros e Tânatos - pulsão de vida e pulsão de morte. De certa forma, toda ação humana é pensada, por Goldgrub, como o resultado de uma relação com a falta. Se por pulsão de morte entende-se a não aceitação da falta, e por pulsão de vida, sua aceitação, a clínica supostamente aumentaria o campo da pulsão de vida. Isso pressupõe um tipo de *estar* do psicanalista que seria, por assim dizer, o mais sublimatório possível, ou seja, uma celebração do não saber - da falta - que permitiria a ascensão à região do sentido. Esse esvaziamento interno de expectativas e *furor sanadis* (vontade de curar) seria fundamental para a escuta em atenção flutuante. Portanto, também sobre a clínica psicanalítica, segundo Goldgrub,

(...) tudo o que podemos dizer é que naquele momento da nossa vida a gente tem uma determinada relação com a falta. Se é uma relação boa, no sentido assim de aceitar a falta, as coisas correm bem. Se é uma situação em que a gente quer segurança, as coisas correm mal. Se a gente quer atingir um resultado, elas correm mal. Se a gente faz o que deve ser feito, correm bem. É fazer o que a gente se propõe a fazer sem buscar um resultado, sem subordinar isso ao que quer que seja. (ANEXO, p. 55)

## 2. 5. A Metáfora Opaca: o sentido das associações

Sob o ponto de vista do psicanalista em atenção flutuante, o objetivo de uma clínica bem feita seria a escuta de algo que Goldgrub nomeia a partir da noção de deslocamento, do capítulo VI da “Interpretação dos Sonhos”, de Freud ([1900] 2001): a metáfora opaca. Para compreendê-la, basta seguir a linha que se inicia com qualquer metáfora coloquial. “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, por exemplo. Por que somos capazes de entender o que isso significa, incluindo o fato de que não significa, literalmente, nada relacionado à ornitologia? Por um efeito intrínseco à linguagem. Metáforas estão presentes em toda e qualquer comunicação intersubjetiva. As que são utilizadas frequentemente, ganham o nome de catacrese:

S.F.: metáfora já absorvida no uso comum da língua, de emprego tão corrente que não é mais tomada como tal, e que serve para suprir a falta de uma palavra específica que designe determinada coisa; abuso (p.ex.: braços de poltrona; cair num logro; dentes do serrote; nariz do avião; pescoço de garrafa; virar um vaso de cabeça para baixo etc.) (HOUAISS)

Quando dizemos, “estou caindo de sono”, ou “ela me deu um pé na bunda”, ou “está chovendo a cântaros”, nem nos damos conta de que se tratam de metáforas. São simplesmente a maneira mais natural com o que a linguagem opera para chegar à significação. “O computador novo é fenomenal”, ou “você arrasou!” são expressões simples, corriqueiras, mas ainda assim totalmente metafóricas. Poderíamos até ir mais longe e, como o psicólogo cognitivista Steven Pinker (2007), observar que, dentre tantos outros exemplos, muitas vezes quando falamos de tempo, utilizamos metáforas de espaço. “Ainda não chegou a hora, ou já se passaram cinco minutos”, por exemplo. Chegar, passar: noções de espaço metaforizadas para comunicar relações temporais.

A diferença entre essas metáforas e aquelas referentes à relação entre discurso latente e manifesto, explica Goldgrub (2004), é que as metáforas utilizadas cotidianamente são transparentes, ou seja, facilmente compreensíveis.

A *metáfora transparente*, seja coloquial ou pertencente ao léxico (como a catacrese *macho-fêmea* que designa certos encaixes mecânicos), decorre quer de uma referência comum a dois signos quer de uma experiência considerada modelar para descrever situações típicas (“fulano e sicrano são como cão e gato”). (GOLDGRUB, 2004, p. 120)

Na verdade, seria possível mesmo dizer que as metáforas utilizadas para a comunicação intersubjetiva ajudam a compreensão do que se quer comunicar. É da própria definição de catacrese o pressuposto de que se trata de suprir a falta de termo específico. O sentido de um conjunto de associações livres, no entanto, é uma metáfora opaca. Embora ainda natural à linguagem, a metáfora opaca teria como característica não ser facilmente compreensível, ou mais: teria como função tornar o conteúdo latente incompreensível. “A metáfora opaca, ao contrário da transparente, se apresenta então como mistério, cuja elucidação exige o concurso da associação livre e da atenção flutuante.” (GOLDGRUB, 2004, p. 94) É nesse sentido que Goldgrub associa sua opacidade à noção freudiana de deslocamento. Para Freud ([1900] 2001), deslocamento fazia parte do que ele chamou de “operações oníricas” (p. 303) ou as maneiras pelas quais a emergência de conteúdos recalçados - os pensamentos oníricos - se fazia possível nos sonhos.

A questão da interação desses fatores - deslocamento, condensação e sobredeterminação - na construção dos sonhos, bem como a questão de qual deles é o fator dominante e qual é o fator subordinado - tudo isso deixaremos de lado para uma investigação posterior. Mas podemos enunciar provisoriamente uma segunda condição que deve ser atendida pelos elementos dos pensamentos oníricos que penetram no sonho: *eles têm que escapar da censura imposta pela resistência*. E daqui por diante, ao interpretarmos os sonhos, levaremos em conta o deslocamento onírico como um fato inegável. (FREUD, [1900] 2001, p. 307)

Tornar opaca a relação entre os conteúdos manifesto e latente seria, assim, um efeito da censura. O deslocamento agiria mascarando o sentido subjacente ao sonho. (GOLDGRUB, 2004, p. 90) Esse objetivo, para Goldgrub, poderia aparecer sob várias formas e não apenas sob aquela descrita por Freud quando nomeia a operação onírica:

No curso da formação de um sonho, esses elementos essenciais, carregados como estão de um intenso interesse, podem ser tratados como se tivessem um valor reduzido. (...) Se este for o caso, ocorrem *uma transferência e um deslocamento de intensidades psíquicas* (...) (FREUD, 1900, p. 305)

Deslocar o acento psíquico, para Goldgrub (2004), seria apenas uma das várias maneiras de construir a máscara do efeito da censura. O ponto essencial, diz ele, é que se “a interpretação permanece possível”, ou seja, se tais conteúdos manifestos ainda dizem respeito aos latentes, isso significaria que ambos, “conteúdo manifesto” e pensamentos latentes “não têm como deixar de metaforizar a região semântica oculta, mesmo que enigmaticamente.” (p. 90) Nesse sentido, tanto os enunciados manifestos quanto os pensamentos latentes seria metafóricos. O objetivo da interpretação - a metáfora opaca - não são os pensamentos latentes, mas o sentido estrutural comum a ambos. Pensamentos latentes seriam da ordem do pré-consciente e os enunciados manifestos seriam da ordem da consciência. O inconsciente, por sua vez, “(...) constitui, em psicanálise estrutural pelo menos, uma matriz semântica, da qual dependem as manifestações diretamente discursivas (pré-consciente e consciência). (...) Desse ponto de vista, por inconsciente se entende a

lógica que governa toda e qualquer manifestação discursiva num momento dado.” (GOLDGRUB, 2002, p. 67)

A interpretação se daria em dois tempos, cujos procedimentos estariam relacionados às operações oníricas de condensação e deslocamento. Do conteúdo manifesto vai-se ao latente pelo processo de interpretação das metáforas transparentes do primeiro. A fita latente condensada nos enunciados manifestos seria, assim, desenrolada. Esse processo adviria do fato de que “o que caracteriza a condensação, segundo a descrição freudiana, é a abreviação do conteúdo latente pelo manifesto.” (GOLDGRUB, 2004, p. 88) No caso das associações livres, a abreviação presente no conteúdo latente poderia ser entendida não como uma diminuição dos enunciados, mas como uma referência metafórica transparente ao conteúdo latente. Nesse momento, apresentando a interpretação das metáforas transparentes, um passo interventivo do analista, o paciente relacionaria tais metáforas com o contexto do qual elas seriam uma parte - contexto antes invisível (inaudível) devido ao processo de condensação. Esse é o momento em que se enxerga as relações entre as várias partes do que foi falado, um movimento análogo à descrição freudiana de ampliar as imagens do sonho em direção a outros elementos que não estariam presentes no sonho em si. Como escreve Goldgrub (2004), “A condensação pode ser comparada ao ato de extrair uma frase do contexto ao qual pertence. (...) Para desfazer a condensação seria preciso recuperar o ‘parágrafo’ do qual a frase isolada recebia sua significação.” (p. 88) No caso das associações livres, esse é o momento de mostrar conexões, destilar o comum entre os enunciados, trabalhar no âmbito das metáforas transparentes. O momento seguinte seria a compreensão da estrutura por detrás das associações, o que de sentido abstrato conectaria as metáforas transparentes. O terreno da metáfora opaca se faria, então, visível.

## **2. 6. A necessidade do adensamento das associações**

Assim, para se chegar ao sentido estrutural das associações, será necessário partir do enunciado e chegar às metáforas transparentes que ajudariam o adensamento do discurso presente. A metáfora opaca se fará compreensível após esse adensamento por um processo que, novamente, é inerente à linguagem e semelhante, nesse sentido, ao ponto final de uma frase qualquer - imprescindível para sua compreensão. A esse respeito vale lembrar que frases são significadas de trás para diante, após o ponto final. Ouvindo a palavra “casa”, percebemos que se trata de um morfema (unidade discreta e articulável que segue, no plano sintagmático da linguagem, a articulação dos fonemas) quando, após o ponto final, o enunciado vai para um de vários lados - “casa limpa é outra coisa”, “casa comigo?”, “casa 12 é a oitava do violão”, etc. Como discutido anteriormente, a questão quantitativa, o adensamento das associações seria, nesse raciocínio, fundamental para que o sentido inconsciente pudesse ser ouvido claramente pelo descortinar do papel dos

enunciados anteriores no contexto estrutural do todo das associações (como no caso do morfema “casa”, que poderia antes do ponto final ser verbo, substantivo referente à morada, parte de instrumento musical, etc.; mas que, após o ponto final, seria compreendida claramente como apenas uma dessas opções.) Sobre o “ponto final” do sentido, “a hipótese correspondente poderia ser assim formulada: a conclusão da frase está para a significação como o adensamento do discurso estaria para o sentido.” (GOLDGRUB, 2004, p. 264)

## 2. 7. O sacerdócio da escuta

Como no método freudiano para os relatos de sonhos, o movimento interpretativo começaria pela parte consciente (conteúdos condensados), iria em direção ao todo pré-consciente (pensamentos latentes - metáforas transparentes) e chegaria à estrutura inconsciente (sentido - metáfora opaca). Esse ato é, para Goldgrub (2002), possibilitado pela atenção flutuante, uma audição “que se distingue tanto do reconhecimento (signo, significado) como da compreensão (frase, significação).” (p. 268)

O método interpretativo permitiu a compreensão do que o discurso tem de mais íntimo, o mecanismo pelo qual o sentido engendra a significação e o significado, com os quais se mimetiza tão astutamente a ponto de ser confundido. (GOLDGRUB, 2002, p. 269)

A atenção flutuante seria justamente a ferramenta que evitaria a confusão entre o âmbito da significação (demanda) e o do sentido (desejo). Chave para esse processo seria a não intencionalidade da escuta. A descrição que Goldgrub dá desse estado discursivo (atenção flutuante) leva a impessoalidade - através de um estado de silêncio interior - a um extremo radical:

O paciente *causa* a interpretação e o analista não tem o que fazer a não ser deixar que o paciente governe a sessão. E não é só através da associação livre que ele faz isso, mas ele obriga que a atenção flutuante siga o curso da associação livre, a linguagem da associação livre. Se o analista se deixar conduzir pelo paciente, a associação livre causará esse efeito. (ANEXO, p. 53)

Deixando-se conduzir em atenção flutuante pelas associações livres do paciente, o psicanalista cumpriria seu papel: desmetaforizaria o discurso consciente em sentido inconsciente. A impessoalidade necessária a esse procedimento conduz à definição da clínica psicanalítica por Franklin Goldgrub: **o sacerdócio da escuta**. (ANEXO, p. 54)

Terá sido esse o sacerdócio de Freud? A relação dessa definição com os escritos do pai da psicanálise são o tema do próximo capítulo.

### 3. Franklin Goldgrub interpreta a clínica de Freud

Sobre a laicização da interpretação, o psicanalista Renato Mezan (2002) escreve que:

(...) é obra dos Gregos. Para que isso ocorresse, foram necessárias ao menos duas condições: a constituição de um corpus literário vasto e diversificado e a constatação de que o sentido de muitos trechos desse corpus já não era evidente a um leitor desavisado. (p. 175)

Interpretar é o trabalho de psicanalistas que, como Lacan, retornaram às antigas escrituras – à obra de Freud. Os escritos do pai da psicanálise são, certamente, um *corpus* literário vasto e diversificado, supostamente ilegível ao leigo (o leitor desavisado). Cabe a cada um de seus seguidores decifrar e liberar a importância do que é escrito. Partes são ressignificadas, partes são excluídas justificadamente, partes têm sua importância aumentada. Sobre a possibilidade desse tipo de lida com os escritos de Freud é necessário lembrar que é do estilo do pai da psicanálise a revisão. Suas teorias eram ressignificadas constantemente pelo próprio autor num sinal claro de que se tratava de algo em desenvolvimento. Poderíamos dizer sem risco que não existe um Freud, mas vários. O foco principal de Franklin Goldgrub é sobre a teoria do método em psicanálise. Para o autor, esse talvez seja o terreno que Freud mais deixou em aberto. Existiram tópicos, blocos mágicos e todas as comparações com a hidráulica das tentativas de desenhar um aparelho psíquico plausível. O próprio Freud ([1926] 2006) escreve o verbete “Psicanálise” da décima-terceira edição da *Encyclopædia Britannica*, deixando a hipótese de que “o futuro provavelmente atribuirá muito maior importância à psicanálise como a ciência do inconsciente do que como um procedimento terapêutico” (p. 254) Tal método ainda é, segundo Goldgrub, investigado e debatido fervorosamente entre as várias correntes psicanalíticas. Isso porque, embora a psicanálise tenha nascido com um livro recheado de histórias sobre a interpretação dos conteúdos que brotam do inconsciente, não haveria nesse mesmo livro, para Goldgrub (2004), qualquer definição precisa acerca dos procedimentos clínicos da *talking-cure*.

Se o livro centenário é pródigo em exemplos que descrevem como o enigmático conteúdo onírico se transmuta no mais compreensível dos relatos, graças à associação livre e à atenção flutuante, é preciso reconhecer que nas páginas do clássico freudiano se encontra tudo menos uma teoria do método interpretativo. (p. 58)

Nessa perspectiva, o que haveria na “Interpretação dos Sonhos”, através da descrição de procedimentos interpretativos, seria apenas a possibilidade de um método. Como observa Myriam Uchitel (1997, p. 15), Freud não mais descreve casos clínicos após 1914. A obra inaugural, dessa forma, é uma das poucas coletâneas de exemplos das atuações do pai da psicanálise. No entanto, para chegar a algo como o que Franklin Goldgrub descreve em seu livro “A Metáfora Opaca” (2004) e encontrar o fio que nos levaria de volta à “Interpretação dos Sonhos” seria necessário, primeiro, deixar os sonhos.

### 3. 1. De sonho a discurso

A associação livre, procedimento central do método psicanalítico, foi proposta inicialmente como instrumento para a interpretação dos sonhos. Aplicar a descrição freudiana das operações oníricas ao discurso propriamente dito é apenas prosseguir na mesma direção. (GOLDGRUB, 2004, p. 118)

Lacan, segundo Goldgrub, já seguira na direção do discurso como um todo, para além de Freud.

(...) no que se refere à generalização das teses desenvolvidas na teorização do sonho, Lacan vai bem mais longe do que Freud ao estender seu campo de validade para o conjunto da linguagem. Se a Lacan é imputável uma definição limitada de metáfora, Freud, por outro lado, não percebe que sua descoberta excede o âmbito onírico e se aplica ao campo discursivo como um todo. (GOLDGRUB, 2004, p. 72)

No entanto, é interessante notar que as placas de sinalização do caminho que leva de sonhos a discurso já estão, de certa forma, presentes na obra inaugural de Freud. A idéia de que vários sonhos ocorridos numa mesma noite digam respeito aos mesmos pensamentos latentes,

(...) esse sonho também fornece um bom exemplo da verdade geralmente válida de que os sonhos que ocorrem durante a mesma noite, ainda que recordados isoladamente, crescem do solo dos mesmos pensamentos. (FREUD, [1900] 2001, p. 433)

... ou a inclusão de comentários sobre sensações posteriores no caldo metafórico – falas como: “não lembro bem... era um sonho confuso” – poderiam ser ações clínicas que iriam na direção da lida com todas as associações livres de uma mesma sessão, e não apenas com o objeto-sonho.

Tratar-se-ia da fala, seja ela sobre o sonho ou qualquer outra coisa. Nessa perspectiva, o sentido é o que brotaria de um solo de pensamentos (ou discurso inconsciente) comum a uma sessão – a um presente de escuta. O sentido seria aquele da fala presente, e não apenas do sonho. Na leitura de Goldgrub da obra inaugural, os sonhos devem ser entendidos apenas como a parte mais saliente de um todo de sentido que se revelou à atenção flutuante. A partir daí, todas as partes do discurso na sessão analítica perderiam a tal importância paradigmática (ou associativa) e passariam a se constituir como elementos de relação – elementos sintagmáticos, para usar uma terminologia saussuriana.

A relação sintagmática existe in presentia; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos in absentia numa série mnemônica virtual.

Desse duplo ponto de vista, uma unidade linguística é comparável a uma parte determinada de um edifício, uma coluna, por exemplo; a coluna se acha, de um lado, numa certa relação com a arquitrave que a sustém; essa disposição de duas unidades igualmente presentes no espaço faz pensar na relação sintagmática; de outro lado, se a coluna é de ordem dórica, ela evoca a comparação mental com

outras ordens (jônia, coríntia, etc.), que são elementos não presentes no espaço; a relação é associativa. (SAUSSURRE, [1916] 2007, p. 143)

Tudo o que é falado, nessa perspectiva, só teria importância por constituir um todo metafórico, como se cada palavra ou frase fosse apenas um fonema de uma palavra maior. Algo, importante ressaltar, já presente em Lacan:

(...) as imagens do sonho só devem ser retidas por seu valor de significante, isto é, pelo que permitem soletrar do “provérbio” proposto pelo rébus do sonho. Essa estrutura de linguagem que possibilita a operação da leitura está no princípio da significância do sonho, da Traumdeutung. (LACAN, 1998, p. 514)

Não interessaria evocar elementos ausentes, como teorias do sujeito ou fórmulas sobre os símbolos dos quais os sonhos são feitos. Esses poderiam ser comparados aos elementos da ordem do que Saussure ([1916] 2007) chamou de “relação associativa”, e dependeriam de uma “série mnemônica virtual”, ou seja, do que o analista sabe. A fala sobre o sonho, tomada como um campo de relações sintagmáticas, não mais remeteria ao sonho em si, mas ao conjunto de associações. Sobre o sonho enquanto tal, o analista, dessa forma, nada sabe. O relato seria apenas mais um elemento da fala, sem maior ou menor importância que todos os outros. Novamente, seria possível enxergar a possibilidade desse caminho aparecendo no livro de Freud ([1900] 2001) aos poucos, através da crescente intenção de ampliar a análise a tudo o que é dito:

*Tudo o que aparece nos sonhos, como uma aparente atividade da função de julgamento deve ser encarado, não como uma realização intelectual do trabalho do sonho, mas como um elemento pertencente ao material dos pensamentos oníricos, sendo transportado deles para o conteúdo manifesto do sonho como uma estrutura acabada. Posso até levar mais longe esta asserção. **Mesmo os juízos formulados depois de acordar sobre um sonho que é lembrado e os sentimentos em nós despertados pela reprodução de tal sonho fazem parte, em grande medida, do conteúdo latente do sonho e devem ser incluídos em sua interpretação.***\* (p. 434)

Freud ([1900] 2001) comparou esse processo a um transbordamento dos pensamentos latentes à vida de vigília.

Uma paciente recusou-se a me contar um sonho porque “não era claro o bastante.” (...) Aqui, portanto, a representação onírica transbordara para os pensamentos de vigília: um dos elementos dos pensamentos oníricos encontrou representação num julgamento de vigília formulado sobre o sonho como um todo. (p. 434)

Parece que a conclusão posterior da psicanálise de Goldgrub foi de que não se tratava de um transbordamento: tudo era água (ou sentido). Freud ([1900] 2001) esboçou a possibilidade dessa leitura, de forma mais clara, no capítulo VII da obra inaugural. Respondendo a questionamentos sobre a fidelidade da lembrança de sonhos, rebate com o argumento de que qualquer elaboração psíquica posterior ao sonho é modulada pelos mesmos processos que determinaram o sonho.

---

\* grifo meu

É verdade que distorcemos os sonhos ao tentar reproduzi-los; aí vemos em ação mais uma vez o processo que descrevemos como a elaboração secundária (e muitas vezes mal formulada) do sonho pela instância encarregada do pensamento normal. Mas mesmo essa distorção não passa de uma parte da elaboração a que os pensamentos oníricos são normalmente submetidos em decorrência da censura do sonho. (...) O único erro cometido pelos autores precedentes foi supor que a modificação sofrida pelo sonho no processo de ser lembrado e posto em palavras é arbitrária e não admite maior análise, sendo, portanto, passível de nos fornecer uma imagem enganosa do sonho. Eles subestimaram a extensão do determinismo nos eventos psíquicos. Não há neles nada de arbitrário. (p. 497)

Aqui a máxima de Lacan ([1966] 1998) sobre o inconsciente se encaixaria perfeitamente: “A experiência psicanalítica não é outra coisa senão estabelecer que o inconsciente não deixa fora de seu campo nenhuma de nossas ações” (p. 518). O que é falado sobre o sonho, por mais que possamos pensar que se trata de conteúdos ausentes no sonho em si, não o é por acaso. Nada é por acaso. Tudo nasce da mesma fonte: o inconsciente que se revela na fala presente. O sonho, assim, não seria em si. Não seria um objeto privilegiado no conjunto das associações livres de uma sessão. Na perspectiva de Goldgrub, o sonho seria algo – como todos os outros algos – que só teria valor quando situado dentro de um todo.

### **3. 2. Atenção Flutuante X Associação Livre**

Franklin Goldgrub (2004) sugere que a lida com o todo de sentido na fala dos pacientes seria um tipo especial de escuta que não privilegiaria as partes. Trata-se da atenção flutuante, ou “uniformemente suspensa”, de Freud ([1912] 1969).

A técnica, contudo, é muito simples. Como se verá, ela rejeita o emprego de qualquer expediente especial (mesmo o de tomar notas). Consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma “atenção uniformemente suspensa” (como a denominei) em face de tudo o que se escuta. (...) Pois assim que alguém deliberadamente concentra bastante a atenção, começa a selecionar no material que lhe é apresentado; um ponto fixar-se-á em sua mente com clareza particular e algum outro será, correspondentemente, negligenciado, e, ao fazer essa seleção, estará seguindo suas expectativas ou inclinações. Isto, contudo, é exatamente o que não deve ser feito. (p. 150)

A seleção de partes do que é ouvido, seguindo esse raciocínio, não deveria ser feita, pois não só implicaria em preconceitos ou expectativas, como também no risco da não compreensão:

Ao efetuar a seleção, se seguir suas expectativas, estará arriscado a nunca descobrir nada além do que já sabe; e, se seguir as inclinações, certamente falsificará o que possa perceber. Não se deve esquecer que o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente. (FREUD, [1912] 1969, p. 150)

O significado identificado posteriormente poderia ser lido como resultante de conteúdos sem valor intrínseco, sem valor paradigmático. Seu valor só poderia ser determinado pela relação com outros conteúdos. Trata-se de uma sucessão de elementos

que revelaria um sentido para além dos significados individuais. Um cigarro, às vezes, é apenas um cigarro. Noutras vezes, é metáfora de outra coisa. Como saber? Por seu lugar e seu valor dentro do conjunto das associações. Seria o sonho relatado realmente confuso ou confuso é apenas uma parte das associações livres que, como todas as outras, ao ajudar a compor o todo de sentido tem importância maior que a da simples adjetivação do sonho? Esse passo, aparentemente, não é dado por Freud ([1900] 2001) na *Traumdeutung*. Embora o autor esboce “um estado psíquico que, em sua distribuição da energia psíquica (isto é, da atenção móvel), tem alguma analogia com o estado que precede o adormecimento” (FREUD, [1900] 2001, p. 117), ele, nesse trecho, se refere às associações livres, e não à atenção flutuante. Essa última só aparece claramente anos depois, em 1912, como parte dos “Artigos sobre Técnica” (FREUD, [1912] 1969). É no texto “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, que o autor descreve o binômio fundamental, atenção-flutuante / associações-livres. (p. 123)

Na descrição de Franklin Goldgrub (2004), escutar em atenção flutuante seria deixar de atentar para as significações e passar a ouvir o sentido do que é dito. Deixar de ouvir o literal, o edípico, o transferencial, o patológico e surpreender-se com o centro metafórico unindo tudo o que é dito. Poderíamos interpretar alguns escritos de Freud identificando algo dessa natureza. Mas dizer que o conceito de atenção flutuante é um dos conceitos-chave na obra do pai da psicanálise pode ser aumentar sua importância naquela obra. Poderíamos questionar, seguindo os passos de Goldgrub, se o modelo médico era forte demais para que Freud se aprofundasse na escuta interpretativa (em atenção flutuante) e não analítica (diagnosticante), deixando de privilegiar conteúdos como, por exemplo, os transferenciais. Sobre a análise, o próprio Freud ([1926] 2006) escreve mais tarde que “(...) a transferência é transformada de arma mais forte da resistência em melhor instrumento do tratamento analítico. Não obstante, seu manuseio continua sendo o mais difícil, bem como a parte mais importante da técnica da análise.” (p. 47) Delineia-se, assim, um abandono do método interpretativo em favor da lida com a transferência, encenado pelo próprio Freud. A justificativa aparece no texto inaugural do conceito de pulsão de morte, “Além do Princípio do Prazer” ([1920] 1996):

Vinte e cinco anos de intenso trabalho tiveram por resultado que os objetivos imediatos da psicanálise sejam hoje inteiramente diferentes do que eram no começo. A princípio, o **médico** que analisava não podia fazer mais do que descobrir o material inconsciente oculto para o paciente, reuni-lo e no momento oportuno comunicá-lo a este. **A psicanálise era então, primeiro e acima de tudo, uma arte interpretativa.\*** Uma vez que isso não solucionava o problema terapêutico, um outro objetivo rapidamente surgiu à vista: obrigar o paciente a confirmar a construção teórica do analista com sua própria memória. Nesse esforço, a ênfase principal reside nas resistências do paciente: a arte consistia então em descobri-las tão rapidamente quanto possível, apontando-as ao paciente e induzindo-o, pela influência humana - era aqui que a sugestão, funcionando como “transferência”, desempenhava seu papel -, a abandonar suas resistências. (p. 29)

---

\* grifo meu.

Pela leitura de Goldgrub, poder-se-ia pensar que o pai da psicanálise, após recomendar o uso da atenção flutuante aos médicos, talvez se tenha deixado levar pelo modelo de seus ouvintes (médicos) e esquecido suas próprias recomendações. Obviamente, não é difícil encontrar exemplos em sua obra sobre conteúdos sendo privilegiados em detrimento do todo da fala dos pacientes. Para citar apenas um, no texto “A Negativa” (FREUD, [1925] 2007), o autor descreve o seguinte procedimento:

O paciente diz: “Agora o Sr. deve estar pensando que eu queria dizer algo ofensivo, mas realmente não é essa minha intenção”. Entendemos essa fala do paciente com uma maneira de repelir, através da projeção, a idéia que acaba de aflorar em sua mente. Ou então: “O senhor me pergunta quem poderia ser essa pessoa no meu sonho. Não é a minha mãe.” E nós corrigimos: “Portanto, é sua mãe.” (p. 147)

Qualquer regra prévia sobre como lidar com o que é falado, como essa de tratar negativas como positivas, iria, segundo Goldgrub, contra a regra da atenção flutuante. Na busca pelo sentido das associações livres, seria inútil responder ao paciente, inferindo processos projetivos ou quaisquer outros. Ficar nesse terreno seria privilegiar a significação em detrimento do sentido das associações.

A escolha do termo “interpretação” para descrever a operação característica do trabalho psicanalítico se deve certamente ao livro sobre os sonhos, em que a linguagem é descrita como um fenômeno cuja complexidade excede de muito a função comunicativa. A distinção estabelecida entre significação (consciente) e sentido (inconsciente) justifica empiricamente a regra fundamental, mas não isenta a psicanálise de construir a respectiva teoria. (GOLDGRUB, 2004, p. 156)

Sob essa perspectiva é possível dizer que ao pai da psicanálise, o método psicanalítico era mais a associação livre do que o binômio associação livre / atenção flutuante. Esse último conceito é objeto claro apenas das “Recomendações...” A lida com a transferência é, por outro lado, aquilo que Freud mais coloca ao lado das associações livres como método psicanalítico. Não obstante, a atenção flutuante é um dos pilares do método interpretativo para Franklin Goldgrub. Poderíamos considerar que o livro “A Metáfora Opaca” (GOLDGRUB, 2004) é, em grande parte, um livro sobre a técnica da atenção flutuante. Isso porque mesmo o outro lado do binômio – a associação livre – dependeria da ação do psicanalista. Não haveria possibilidade de associação livre sem a postura de quem escuta evitando o diálogo, ou seja, sem a escuta que permitiria a própria liberdade das associações. Assim, o método em si, no que diz respeito àquilo a ser feito pelo analista, seria, para Goldgrub, o silêncio interior que permitiria a escuta interpretativa. Toda idéia de não acumular conhecimento sobre o paciente, não eleger conteúdos na fala como mais importantes que outros ou mesmo de não analisar o que é dito, como que deixando a cargo da própria fala do paciente a função de extrair uma interpretação do analista, diria respeito, no entanto, à últimas consequências daquilo que Freud recomenda aos médicos. Nesse sentido, a abordagem clínica de Goldgrub baseia-se em algo que Freud teria concebido mas não desenvolvido, deixando, inclusive, margem para dúvidas acerca de sua possibilidade. A

esse respeito, Goldgrub relata uma palestra em que, segundo ele, um renomado autor lacaniano questionava a utilização da atenção flutuante na clínica atestando sua impossibilidade. Goldgrub comenta:

(...) a argumentação deu a entender que é impossível a atenção flutuante. “Como o analista não vai selecionar as coisas que o paciente fala?” Assim, literalmente... acho que eu não estou distorcendo o que ele falou. E eu achei de uma incompreensão absoluta, quer dizer, ele poderia criticar a atenção flutuante, óbvio. Mas, assim, explicar por que ele vê a atenção flutuante como impossível. Ele nem explicou. Ele declarou: “é impossível, a gente seleciona”. É mais ou menos como um kleiniano que diria “é impossível não sentir alguma coisa quando o paciente fala, é impossível não contra-transferir”. Mas Freud não chegou a isso (a atenção flutuante) à toa. Ele veio da interpretação dos sonhos, das associações livres relacionadas às imagens dos sonhos, quer dizer, tem todo um caminho de descobertas que vai dar nessa afirmação do Lacan de que “o inconsciente se caracteriza por não deixar nenhuma ação fora do seu campo”, e que implica a noção de discurso. A crítica dele (do lacaniano) era que não tem nada de discurso. Era muito ruim, muito inespecífica. (ANEXO, p. 55)

### 3. 3. Análise X Interpretação

Seria o privilégio do olhar sobre a transferência mais consonante com as premissas científicas caras a Freud do que o método interpretativo? Pela leitura de Franklin Goldgrub poder-se-ia pensar que sim, pois segundo o autor, o que liga essa prática ao modelo médico é justamente a diferença entre análise e interpretação. Na prática interpretativa nada deveria ser analisado: tudo comporia uma possibilidade de interpretação, de desvelamento de sentido. Análise seria divisão, quebra. Interpretação seria a junção num todo de sentido – e a compreensão desse sentido. Ao falar em interpretação não estaríamos, como no caso da análise, falando de divisão, escrutínio ou categorização. Mas o modelo médico, esse sim, seria analítico por natureza. Como escreve Goldgrub, “A palavra *análise* merece especial atenção; sua função talvez seja a de prover o psicanalista de um ‘objeto concreto’, que poderia ser ‘examinado’, e que faria as vezes dessas outras análises costumeiramente pedidas pelo médico: sangue, urina, fezes... (GOLDGRUB, 2004, p. 77) Goldgrub (2004) comenta sobre essa linha originária, que saí da *Traumdeutung* e vai até as associações livres, sendo atropelada pelo modelo médico, já no começo de “A Metáfora Opaca”:

(...) o modelo clínico fundado na análise da transferência consubstanciou-se numa prática frequentemente padronizada, visto que guiada por conceitos teóricos. O psicanalista equipado com o contador Geiger transferencial tende a desconsiderar o sentido subjacente às associações livres e se concentra no objetivo de conhecer as causas do conflito, supostamente situadas nas vivências infantis. (...) O questionamento dessa atitude soará como uma heresia para aqueles que se mantêm fiéis ao modelo médico. Todavia, não é difícil perceber que a preocupação com a etiologia e o diagnóstico insufla nova vida ao conceito de realidade material, incompatível com a interpretação, cujo objeto é o discurso, ou seja, a realidade psíquica. (p. 22)

A crítica ao diagnóstico, à investigação dos conflitos ou à análise de conteúdo é uma só: privilegiando-se uma parte das associações, perde-se a prática da atenção flutuante e com ela a possibilidade de escutar o sentido, a metáfora opaca, das associações livres.

### 3. 4. Perto da essência da psicanálise?

Franklin Goldgrub, leitor de Freud, vai do sonho à fala, dando ênfase ao binômio atenção flutuante / associação livre do artigo “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” (FREUD, [1912] 1969) e destila um método a partir desse material. Mas por que essa leitura e não outra? Talvez a resposta mais óbvia, e que seria provável a qualquer defensor desta ou daquela abordagem psicanalítica, apontaria para uma suposta proximidade à essência do pensamento de Freud. Ao citar o modelo médico como um agente patogênico (e patologizante) ao paradigma psicanalítico, Goldgrub talvez se posicione no papel de defensor de algo como aquilo que Freud faria se não tivesse de pagar um preço pela inclusão da psicanálise na comunidade científica da época. Na verdade, o fenômeno do inconsciente – ou do sujeito alienado de si mesmo – está aparentemente em eterno conflito com a noção mais comum de ciência. Como escreve um dos autores do Vocabulário da Psicanálise,

A língua psicanalítica, na medida em que constitui um depósito sedimentado de saber, desconheceria pois por princípio o objetivo da experiência que é a de um não-saber: contradição levada ao extremo por uma pretensão – necessária desde o instante em que o analista deseja ser ouvido por seus pares e a fortiori pela comunidade dos pesquisadores – ao rigor científico. (PONTALIS, 1972, p. 103)

Seria o próprio pioneirismo do fundador da psicanálise, nesse raciocínio, um dos culpados pelo abandono do método interpretativo? Ou o modelo médico talvez fosse forte demais para ser facilmente descartado pelo (médico) Freud? Se a resposta fosse afirmativa, isso significaria que falar em interpretação e não em análise poderia jogar a psicanálise num terreno por demais ligado à filosofia e às artes para ser minimamente aceito como da ciência. Se toda a questão da sexualidade, e em especial a sexualidade infantil, foi de um radicalismo inaceitável à comunidade científica vienense (embora, para Renato Mezan [1985, p. 148], talvez Viena, em seu caráter multifacetado, fosse tudo menos conservadora), ainda assim pareceria a Freud um pecado menor do que a porosidade do discurso fenomenológico introduzido à psicanálise por Lacan décadas mais tarde. Basta dizer que o flerte de Anna Freud e Melanie Klein com a etologia - uma busca de morada da psicanálise na biologia - ainda persiste em várias abordagens, indo na direção oposta daquela do fundador da psicanálise, para quem, segundo Goldgrub (1988), a autonomia da ciência do inconsciente era cada vez mais fundamental.

Mesmo após a formulação dessa noção tão fundamental em psicanálise, a fantasia, com sua derivação quase (ou decididamente?) epistemológica, a saber, a

postulação de uma “realidade psíquica”, Freud ainda se perguntará por muito tempo sobre a origem do imaginário. (...) Far-se-á necessário um longo período de elaboração para que a pergunta sobre a significação das fantasias eclipse (e nunca totalmente) a busca de sua origem, e que, dessa maneira, o recurso ao orgânico e ao ambiental se torne tão desnecessário na teoria quanto na prática. (p. 26)

Para conseguir território próprio e não necessitar alugar lotes na biologia ou na sociologia, a psicanálise acabou aliada à linguística estrutural. Tendo localizado um pouco do Freud da leitura de Goldgrub, é possível prosseguir em direção à investigação da influência da obra de Lacan - o responsável pela aliança de psicanálise e estruturalismo - nessa abordagem.

## 4. Franklin Goldgrub e a psicanálise de Lacan

No próprio momento em que a linguagem enche nossa mente até as bordas, sem deixar o menor espaço para um pensamento que não esteja preso em sua vibração, e exatamente na medida em que nos abandonamos a ela, a linguagem vai além dos “signos” rumo ao sentido deles. E nada mais nos separa desse sentido: a linguagem não pressupõe a sua tabela de correspondência, ela mesma desvela seus segredos (...). Sua opacidade, sua obstinada referência a si própria, suas retrospecções e seus fechamentos em si mesma são justamente o que faz dela um poder espiritual: pois torna-se por sua vez algo como um universo capaz de alojar em si as próprias coisas – depois de as ter transformado em sentido das coisas. (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 43)

Sob o solo da fenomenologia e da linguística estrutural seria possível erguer o edifício do método psicanalítico. Quem desbrava esse território, desmatando-o em solo fértil à construção, é Lacan. Inevitável perguntar: por que Franklin não é um lacaniano? Porque embora reconheça que o psicanalista francês avançou em direção à autonomia da ciência do inconsciente pela aproximação com o estruturalismo, para Goldgrub (2004) ele nada fez com o enigma do método interpretativo.

Com referência à epistemologia e à ética, Lacan encarregou-se da difícil empresa de desvencilhar a psicanálise das amarras que a prendiam ao enfoque darwiniano, responsável, entre outros efeitos, pela tendência ao adaptacionismo presente em certas abordagens (...). A aliança com Saussure redefiniu o inconsciente como linguagem, ampliou o Complexo de Édipo na direção de uma teoria do sujeito e repercutiu igualmente nas diretrizes da formação do analista. (...) porém, a contribuição da escola francesa não cumpriu a promessa de fazer avançar a compreensão do que o termo interpretação sempre conservou de enigmático, desde sua menção no título daquele que talvez seja o livro mais impactante de Freud. (p. 58)

### 4. 1. O estilo de Lacan

Goldgrub (2004) escreve que:

(...) não se encontra nos Escritos nem nos Seminários sequer o esboço de uma teoria da interpretação. Tal omissão parece mostrar mais uma vez que Lacan se sente muito mais à vontade no terreno da crítica, da denúncia, da desconstrução e do sarcasmo, onde seu talento é inegável. (p. 29)

No entanto, haveria uma leitura alternativa a essa suposta acidez lacaniana:

O que realmente interessa a Lacan, no sentido forte da palavra, é arrancar a psicanálise de tudo que pôde e poderia, ainda, prática e teoricamente, comprometê-la, enfraquecê-la, privá-la de seu poder “cortante” ou embotar-lhe o corte. (NANCY & LACOUE-LABARTHE, 1991, p. 97)

Talvez o que para os lacanianos seria a preservação do “poder cortante” da psicanálise, para Franklin constituiria uma postura sarcástica, quase sádica. Não que os próprios lacanianos deixem de reconhecer o caráter ácido do psicanalista francês. Elisabeth Roudinesco (1993) não economiza em exemplos da personalidade incômoda de Jacques

Lacan em sua biografia. Para citar um, escreve ela sobre os comentários de um conhecido de Lacan:

(...) [Ellengerger] conheceu Lacan durante o internato: “Mantive distância em relação a ele. (...) Via-o na sala de plantão onde ele fazia piadas como os demais, embora fossem de um nível superior às dos farristas comuns. Eram mordazes e incômodas. Cultivava uma espécie de soberba aristocrática. Tinha uma arte infalível de dizer maldades que atingiam o alvo em cheio, inclusive em suas relações com os doentes. Lembro-me deste comentário: ‘Ele tem a estima de seu porteiro’.” (p. 33)

Maria Rita Kehl (2004) entende que muito da dificuldade em estudar Lacan esteja justamente relacionada ao estilo do lacanês, que “deixa o estudioso sempre em dívida para com sua própria capacidade de compreensão.” (p. 46) Goldgrub (1998) faz comentário parecido quando diz, não sem ironia, que se separa mais dos lacanianos que de Lacan, “ao reconhecer que boa parte dos *Escritos* e *Seminários* continuam opacos a nossos esforços de leitura - sem prejudicar se as dificuldades lhes pertencem ou se são nossas, e admitindo a conjugação de ambos os fatores (o que não resolve a questão do grau).” (p. 90) O interessante do paralelo entre essas passagens de Franklin Goldgrub e Maria Rita Kehl é que ambos, após comentar sobre o estilo de Lacan, comparam-no ao de Freud. Kehl (2004) escreve que: “quem se propõe a transmitir o ensino de Lacan, muito mais do que quem se aventura a explicar Freud, corre o risco de passar por ingênuo. Freud, herdeiro da aposta iluminista no poder comunicativo da razão, teve a generosidade de ousar ser claro.” (p. 46) Goldgrub (1998), por sua vez, argumenta que justamente a ousadia de Freud em ser claro é “o melhor exemplo da possibilidade de prescindir das herméticas redomas estilísticas” (p. 90), como aquelas, segundo ele, da obra de Lacan. A clareza de Freud, segundo Goldgrub (1998), não evita que sua obra ressurgisse “impávida sob os escombros das sucessivas tentativas de domesticação a que foi e continua a ser submetida.” (p. 90) O poder cortante da psicanálise estaria assegurado, nesse raciocínio, mesmo que apesar da clareza de seu fundador.

De qualquer forma, para além das objeções ao estilo de Lacan, compreender o sujeito como um discurso, o paciente como uma fala (também um discurso) e todas as consequências metodológicas implicadas nesses pressupostos, seriam, para Goldgrub, algumas das últimas consequências da frase lacaniana o “inconsciente se estrutura como uma linguagem”. Nesse sentido, o que interessa a Goldgrub é o casamento, inaugurado pelo francês, da psicanálise com o estruturalismo.

(...) após ter entrado em contato com a linguística saussuriana, com a tese lévi-straussiana sobre a fronteira entre natureza e cultura (estabelecida pela regra exogâmica, ou seja, pela linguagem) e com os comentários de Benveniste acerca do lugar que a semântica reserva à subjetividade, o psicanalista francês pôde integrar as teses freudianas sobre a fase fálica e o Édipo num processo mais amplo, regido pelo verbo. (GOLDGRUB, 2010, p. 82)

O que não interessa a Goldgrub, por outro lado, é a elaboração de Lacan para um além (ou aquém) da linguagem - terrenos como os da Coisa, do Real e do Gozo - ou mesmo para um além da linguística, que Lacan inaugura mais tarde.

No nível linguístico, dá-se uma coincidência, porque é verdadeiramente do próprio material fonêmico que se trata nos jogos do inconsciente. Mas isso não é razão para nos determos aí, seja qual for, por outro lado, o grau de competência que eu tenha mostrado antes no uso do que, afinal, é apenas uma parte da linguística. (...) Agora, trata-se de buscá-la [a psicanálise] no nível de uma outra disciplina (...) Que disciplina é essa? Vou chamá-la de lógica. (LACAN, [1969] 2008, p. 91)

Nesse ponto, em vez de investigar o que entra de Lacan na concepção de Goldgrub, faremos o contrário: investigaremos justamente o que fica de fora dessa leitura. O objetivo de tal caminho é entender se o abandono do método interpretativo que Goldgrub (2004) denuncia em seu “A Metáfora Opaca” seria contíguo a um abandono do estruturalismo - linguagem e linguística - por Lacan. Assim, na concepção do francês, para além da possibilidade de significação - e, conseqüentemente, para além da linguagem - temos o Real. De que se trata esse conceito em Lacan e em que sentido ele difere da definição de Goldgrub?

#### 4. 2. O Real e a Coisa (das Ding)

Poderíamos pensar que Lacan recorre à lógica matemática para estruturar um conhecimento sobre aquilo que, para Goldgrub, a linguagem cria: a falta. Sobre como se dá essa criação da linguagem, Goldgrub considera que:

É uma questão praticamente insolúvel. Tudo o que a gente poderia fazer é como o físico que diz acerca da matéria e da energia, que existe. No limite, a psicanálise poderia dizer que a gente concebe que a linguagem tem esse efeito. Agora, no estudo de toda língua, da estrutura de toda e qualquer língua, vai se ver a impossibilidade da concordância entre significante e significado. Quer dizer, a linguagem seria um fenômeno – isso é bem Saussure – que se baseia totalmente na diferença. (ANEXO, p. 50)

O terreno da linguagem, sendo toda ela a pura diferença, criaria, portanto, a falta. A postura em relação a essa falta - metaforizada pelo conceito de Complexo de Édipo e que, poderíamos conjecturar, talvez esteja relacionada à não concordância entre significante e significado, ou seja, quase uma falta de referência - seria o que, para Goldgrub, colocaria o sujeito no jogo do desejo. O que distancia essa abordagem daquela desenvolvida por Lacan quando este recorre à lógica parece ser a não especulação justamente desse buraco real da falta, o qual se trata, em última análise, da Coisa - o objeto perdido que nunca foi perdido:

(...) esse objeto, pois trata-se de o reencontrar, nós o qualificamos igualmente de objeto perdido. Mas esse objeto, em suma, nunca foi perdido, apesar de tratar-se essencialmente de reencontrá-lo. (LACAN, [1959-1960] 2008, p. 74)

(...) *Das Ding* é originalmente o que chamaremos de o fora-do-significado. É em função desse fora-do-significado e de uma relação patética a ele que o sujeito

conserva sua distância e constitui-se num mundo de relação, de afeto primário, anterior a todo recálque. (LACAN, [1959-1960] 2008, p. 70)

(...) Com esse campo que chamo de campo do *das Ding*, somos projetados para algo que está muito além do âmbito da afetividade, movediço, confuso, mal discernido por falta de uma organização suficiente de seu registro. (LACAN, [1959-1960] 2008, p. 127)

A articulação kleiniana consiste nisto - ter colocado no lugar central de *das Ding* o corpo mítico da mãe. (LACAN, [1959-1960] 2008, p.130)

Goldgrub (2010) vai em direção ao que ele entende como os efeitos da relação com a falta - as relações possíveis com o objeto de desejo: fuga, na neurose; dependência ou dominação, na perversão; relação não-conflitiva, na sublimação. (p. 132) Sobre *das Ding*, o autor entende “um vocábulo ‘coringa’, indeterminado, que mostraria a presença ubíqua do ‘objeto a’, mesmo quando não se sabe o que se quer, teme, designa...” (GOLDGRUB, 2010, p. 127). Lacan, por sua vez, parece ter experimentado um universo de elaborações a respeito justamente daquilo que falta. Sobre tais elaborações e sua influência na clínica - a chamada clínica do Real - Franklin Goldgrub (2010) é da opinião de que se tratam de subprodutos de uma abordagem, a lacaniana, que “relegou desnecessariamente a um plano secundário as relações objetais” (p. 81) e que não entendeu o conceito freudiano de sublimação. Consequentemente, tal abordagem não acreditaria na possibilidade de relações não conflitivas com o desejo e seus objetos. O resultado é que, para Goldgrub, o que se apresenta na clínica lacaniana:

É a imposição da falta. Essa é uma crítica forte que se pode fazer ao lacanismo: o lacanismo não entende a sublimação. Não entende absolutamente a sublimação. E a “coisa”... como que referido à “coisa virtuosa”... como se a sublimação fosse pensar naquele momento inicial de Freud, que é a sociedade que impõe o comportamento adequado... “se a pessoa renunciar à sexualidade ela será premiada com um afago social”. Acho que é isso que está atrás dessa suposta substituição lacaniana de “a coisa não existe, o objeto bem nasce e não existe”, voltando aos gregos, Platão, “o bem não existe”. Mas a sublimação não é o bem. É a criatividade, a liberdade de escolha. A liberdade de criar o que não existe. Não digo assim filosoficamente ou artisticamente, apenas. Tudo o que for da ordem da criatividade nas relações humanas, na sexualidade, no erotismo, inclusive. Quer dizer, aquela idéia de que na sublimação você substitui a fonte não tem nada a ver. (ANEXO, p. 52)

O raciocínio clínico lacaniano estaria, nesse ponto, perto da atuação sobre algo como o espaço entre as unidades mínimas significantes, ou a desconstrução do significante pela dissolução da cadeia que ele comporta, ou mesmo pelo uso do silêncio. “É o tempo da clínica que dá primazia ao Real; à certeza, não à verdade; à consequência, mais que ao sentido; a um Real sei lei de formação, distinto do formulado pela ciência; a um Real do corpo distinto do biológico.” (FORBES, 2004, p. 8)

A clínica do Real seria uma clínica do ato, uma clínica cujo objetivo “não é saber mais: quase ao contrário.” (FORBES, 2004, p. 9) A diferença objetiva, no fazer do analista, seria, para Goldgrub (2004), um esquecimento do discurso - todo das associações - e uma ênfase no significante - parte das associações. Entre as manobras mais comentadas e

talvez polêmicas da clínica lacaniana estaria a da interrupção prematura das sessões. Um dos objetivos desse gesto seria mudar o sentido da fala do paciente de forma inesperada, fazendo uso do fato de que a significação de uma frase só se faz clara após o ponto final, após a última palavra. Interromper a sessão com um gesto seria “algo que o terapeuta faz sem dizer” (GOLDENBERG, p. 42) e que abalaria, para permitir uma reorganização, a relação entre significante e significado na fala do paciente pela pontuação inesperada. “Na análise lacaniana,” escreve Maria Rita Kehl (2004), “buscamos antes de mais nada desestabilizar as convicções imaginárias do neurótico.(...) Tal desajuste entre significante e significado permite a emergência do sujeito (do inconsciente), nos tropeços das intenções conscientes, de modo que sua expressão possa ser reconhecida por quem fala - ou seja, o próprio analisando.” (p. 50)

Goldgrub (2004), no entanto, critica procedimentos como os de pontuação e escansão, entendendo que não faria sentido desconstruir o discurso do paciente por qualquer tentativa de desestruturação do amálgama deslizante de significante e significado.

(...) uma vez constituído o discurso, (e enquanto se mantém estruturado), significante e significado permanecem intrinsecamente ligados, e é com esse amálgama instável, mas sempre refeito, que o psicanalista se depara. Pretender desfazê-lo é uma empresa tão vã como tentar separar o verso e o averso de um folha. Essa metáfora, criada por Saussure, refere precisamente a soldagem entre significante e significado. (p. 101)

Esses procedimentos, para Goldgrub, tentariam levar o analisando a um lugar como que anterior à aquisição de linguagem, anterior à posição de sujeito, pela desestruturação do discurso constituído no plano do significante. “A referida desestruturação parece restaurar a situação originária (isto é, o momento prévio à articulação entre as cadeias do significante e do significado)”, escreve Goldgrub (2004, p. 101) sobre a psicose. O analista na clínica lacaniana, desenvolve o autor citando Joel Dor, “ater-se-á (...) exclusivamente a pontuar o dizer do paciente por meio de uma escansão que fará surgir, no próprio lugar da enunciação, a abertura significante que ali se faz ouvir, quando está destinada a se fechar novamente na conclusão do enunciado.” (DOR, p. 119-20 apud GOLDGRUB, 2004, p. 103)

Se a morte tem tanta importância para nós, seres falantes, é que ela é a que nega o discurso, o mutismo que quebra a espada da palavra. Fica-se então menos surpreso de reencontrá-la no inconsciente como um equivalente da mãe, até mesmo da feminilidade, na medida em que os desenvolvimentos da doutrina freudiana nos mostram que alguma coisa da feminilidade permanece absolutamente fora do alcance da palavra, interdito no sentido mais forte do termo, quer dizer, presente no mutismo que se intercala entre os ditos. (ANDRÉ, 1998, p. 59)

Portanto, a tentativa de lidar com o que estaria por entre os significantes e, conseqüentemente, entre o desejo e seu objeto inexistente, apontaria para um lugar talvez próximo ao da morte ou do inescapável da falta. Um lugar, para Lacan (1959), mais perto do próprio sujeito:

O sujeito, digamos, está na borda dessa nomenclatura falhante que é o papel estrutural daquilo que é objetivado no momento do desejo. E ele está no ponto em

que sofre, se assim posso dizer, no máximo, o auge [acmé], aquilo que podemos chamar a virulência do logos, na medida em que ele se encontra com o ponto supremo do efeito alienante de sua implicação no logos.

A cadeia significativa, que para Goldgrub seria inseparável de discurso e ampla em sentido a ser desmetaforizado, na clínica lacaniana soaria como algo a ser pontuado, limitado em sua interminável sequência alienante (KEHL, 2004). Mas o que, nessa sequência, seria alienado do que? O sujeito de si mesmo, pela linguagem como cadeia significativa à qual o objeto *a* - metonímia do desejo - não deixaria de não se inscrever. A clínica lacaniana, nesse ponto, trabalharia justamente nessa falha.

A análise articula o objeto *a* pelo que ele é, ou seja, causa do desejo, isto é, divisão do sujeito, daquilo que introduz no sujeito o que o *cogito* mascara - a saber, que, ao lado desse ser do qual ele crê assegurar-se, o *a*, essencialmente e desde a origem, é falta. (LACAN, [1969] 2008, p. 333)

Se compreendermos os termos *logos* e *cogito* como aquilo que na obra de Goldgrub se diz linguagem - o alcance desse termo nessa obra certamente possibilita essa tradução - poderemos situar a diferença entre sua perspectiva e aquela de Lacan. O real, para Goldgrub (2010), não seria oposto nem a simbólico nem a imaginário. Real designaria justamente a impossibilidade dessa oposição, na medida em que é entendido não como o terreno resistente à simbolização, mas como desejo e a impossibilidade de sair de sua esfera - aquela da linguagem. (p. 135) Nesse ponto, a clínica proposta por Goldgrub também seria, de certa forma, uma clínica do real, se - e apenas se - essa expressão apontasse para como em cada sujeito se constrói a relação com a falta, e se por real compreendêssemos o registro primordial dessa falta. Seria uma concepção, portanto, “do real como desejo em suas duas formas (desejo de desejar, ou desejo+, e desejo de não desejar, ou desejo-).” (p. 135) O sentido das associações colocar-se-ia como metonímia do sentido enquanto desejo/real estruturante da singularidade. No entanto, para Lacan (1959), o registro do real situa-se em oposição aos outros dois. O objeto *a* seria mascarado pelo cogito e não revelado enquanto lógica por detrás do adensamento da fala, pela escuta do sentido que estruturaria as associações livres, como na abordagem de Goldgrub. Continuando a penúltima citação acima, “O sujeito, digamos, está na borda dessa nomenclatura falhante que é o papel estrutural daquilo que é objetivado no momento do desejo.” Portanto,

A primeira fórmula que pode nos vir é que é preciso que ele o sustente realmente, que ele o sustente de seu real, dele enquanto real, isto é, também daquilo que lhe resta sempre o mais misterioso. Um desvio aqui não seria mal vindo. É tentar, para nós, apreender – é aquilo sobre o que, por sinal, alguns dentre vocês, há muito tempo se interrogam – aquilo que até poderia, no último termo, querer dizer esse emprego que fazemos aqui do termo real, na medida em que o **opomos ao simbólico e ao imaginário**.<sup>4</sup> (LACAN, 1959)

---

<sup>4</sup> grifo meu.

Real enquanto registro oposto a simbólico e imaginário é diferente de real como desejo, por estar, esse último, inscrito - no sentido de acontecendo junto, inseparável - no âmbito da linguagem e, conseqüentemente, do sentido. O real lacaniano estaria, talvez, mais próximo justamente do polo oposto àquele do sentido: o polo do *non-sense*, o lugar da suposta inapreensibilidade da causa do desejo.

Sobre esse assunto, Slavoj Zizek (2003) comenta que “a definição mínima do real, para Lacan, é, justamente, ‘aquilo que resiste à simbolização, à inclusão em nosso universo de sentido.’” O filósofo dá como exemplo as equações da física quântica. Sabemos que se tratam de leis aplicáveis, mas não conseguimos significá-las, apreendê-las como experiências da realidade. O real simbólico, diz Zizek (2006), é o terreno do puro significante e, conseqüentemente, da ausência de significado. Diz o autor que “se [na definição do Real] começarmos pelo Simbólico (...) chegaremos à linguagem subtraída da riqueza de seu sentido humano, transformada no Real de uma fórmula sem sentido.” (p. 66)

O real imaginário, por sua vez, seria da ordem das imagens por demais intensas para fazerem sentido. Estamos aí no âmbito do catastrófico, do totalmente estranho ou do excessivamente prazeroso - de novo, do que, para Zizek (2006) leitor de Lacan, estaria para além das possibilidades da palavra, ou da ficção simbólica. “Se algo se torna traumático demais, violento demais, ou mesmo cheio demais de prazer, isso perturba nossas coordenadas de realidade e temos de ficcionalizá-lo.” O imaginário seguiria, nesse sentido, o contato com o real. “Se começarmos pelo Imaginário (...) chegaremos ao Real em sua dimensão imaginária, a horrorosa imagem primordial que cancela a própria máquina de imagens.” (p. 66)

“Mas”, continua Zizek (2006), “esse não é o fim da história. Para além desses dois Reais, temos de adicionar um terceiro. (...) o incomensurável ‘algo’ que faz sublime um objeto qualquer - o que Lacan chamou de *l’objet petit a*.” (p.66) Sobre esse Real da causa do desejo, o autor esclarece ser apenas vácuo, algo desprovido de qualquer substância, mas lotado de poder. “(...) o Real - a Coisa - não é exatamente a presença inerte que curva o espaço simbólico (nele introduzindo falhas e inconsistências), mas, antes, um efeito dessas falhas e inconsistências.” (p. 73)

Lendo essa última passagem de Zizek como “a linguagem (a curvatura simbólica) cria a falta (da Coisa)” estaríamos mais perto da descrição que Goldgrub fornece do Real, ou seja, Real como desejo (e não como lugar da causa do desejo). No entanto, a sensação é que não há possibilidade de paralelos como esse por ser o Real lacaniano - como seu próprio terreno - resistente a uma definição na linguagem, mas consonante à idéia de um além da linguagem. Ir contra esse raciocínio condicionaria o Real ao simbólico, tirando-o do terreno do excesso, daquilo que, justamente, falta. Serge André (1998), discutindo a relação entre o gozo fálico e o gozo feminino, desenvolve que “(...) é porque a língua comporta

termos como ‘indizível’ ou ‘inominável’ que se escava um lugar onde pode existir *realmente* o indizível ou o inominável.” (p. 233) A relação entre Real e linguagem, em seu - poderíamos dizer - deslizamento, é tudo menos simples. O que nos interessa, no entanto, é que esse tipo de discussão fica fora da abordagem de Goldgrub por ficar fora da jurisdição da linguística e do estruturalismo. O próprio Lacan ([1969] 2008) não busca esse tipo de investigação apenas com a linguística, mas elege a lógica matemática como ferramenta. “Números são do Real”, um estudante ouviu, certa vez, de seu supervisor lacaniano. “Números são apenas mais um elemento das associações livres (do discurso)”, talvez dissesse Franklin Goldgrub.

### 4. 3. Gozo

A jurisdição do fora-da-linguagem, terreno do Real lacaniano, coloca-nos frente à frente com outro conceito que se distancia da leitura de Goldgrub: o gozo e suas diferentes configurações. Serge André (1998) explica que o gozo do corpo se oporia ao gozo fálico justamente porque estaria para além do significante (p. 216). O corpo, nesse sentido, retornaria à cena como que fugindo do divórcio entre psicanálise e biologia. Claro que esse retorno não teria o sentido do instintivo. Seria, antes, um retorno do corpo real, ou seja, do corpo físico, implicando, entre outras coisas, na diferença anatômica entre os sexos e na resistência do sexo feminino à simbolização. Nesse sentido, o sexo feminino seria do âmbito do real, ao contrário do falo (imaginário) - único órgão sexual das fantasias infantis.

É o que demonstra o discurso analítico, no que, para um desses seres como sexuados, para o homem enquanto que provido do órgão dito fálico - eu disse *dito* -, o sexo corporal, o sexo da mulher - eu disse *da mulher*, embora justamente não exista *a* mulher, a mulher *não é toda* - o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo. (LACAN, Seminário 20, p. 14)

Estamos aqui perto do questionamento de Goldgrub (2010) sobre o *falo* ser, de algum modo, relacionado à idéia de pênis faltante, ou de aquilo que falta à mãe. Tratar-se-ia do retorno do corpo - o corpo da realidade, o corpo empírico - e não aquele construído pela imagem, pelo esquema corporal proveniente da linguagem, ou seja, o corpo imaginário. A discussão, novamente, é sobre realidade enquanto articulação entre simbólico e imaginário e se haveria alguma sobra, algum resto a ser denominado Real - algo que não seria da realidade simbólico/imaginária, mas para além dela, para além do apreensível pela linguagem.

Na questão do gozo, se o único gozo possível para o falante é o gozo fálico, ou seja, o gozo inscrito e limitado pela linguagem, isto significaria que pensar um gozo do corpo (ou gozo feminino, ou Outro gozo) seria aventurar-se para um além do *cogito*, para além dos limites da castração. Realmente, como escreve André (1998), “deste gozo do outro que não o fálico, nada se sabe.” (p. 223)

Algumas mulheres - não todas - dizem, com efeito, tê-lo experimentado, e algumas místicas, através de seus testemunhos, nos têm sugerido que haveria um gozo para-além do gozo fálico. Mas talvez isso não passe de uma idéia, uma produção imaginária. Seja como for, o fato de que esse Outro gozo se situa fora-da-linguagem, torna-o impossível de se dizer, portanto, expõe-no a permanecer no registro da crença. (ANDRÉ, p. 223)

Na leitura de Goldgrub (2010), a idéia de um Édipo feminino diferente do masculino - que levaria à formulação de conceitos como o do Outro gozo - é criticada como sendo derivada de uma interpretação equivocada do próprio Complexo de Édipo. Para o autor, o Édipo não estaria relacionado à sexualização, ou à identidade de gênero mais do que a uma “questão bem mais abrangente relativa à constituição do sujeito e a concomitante teorização do desejo, para além do seu aspecto sexual.” (p. 148) Trata-se, em última análise, da formulação dos conceitos de Édipo empírico e Édipo estrutural que Goldgrub (1988) desenvolve em seu livro “Trauma, Amor e Fantasia”. Por Édipo estrutural entende-se a metaforização de todos os elementos do empírico: pênis metáfora de falo, mãe metáfora de campo desejante, pai metáfora de função normativa, Édipo metáfora de relação com a falta. Metaforização e não metonimização, é preciso afirmar. Entre pênis e falo, para Goldgrub, não haveria senão uma relação metafórica. Nada do campo da parte seria tomado como representante do todo. A relação entre Édipo empírico e estrutural seria principalmente na ordem cronológica de seu aparecimento. Freud identificou o Édipo empírico, ou seja, ouviu de suas pacientes sobre o amor e a rivalidade aos pais. O fato de que as significações resultantes desse embate da criança com o ambiente afetivo sejam universais apontaria, na visão de Goldgrub, para uma estrutura anterior ao empírico. Não seria necessário existir um pai para que a função normativa se faça presente; a mãe da realidade poderia não desempenhar o papel de campo desejante e, mesmo assim, a criança teria a expectativa de amor incondicional... são tantas as configurações da realidade empírica que seria estranho não questionar sobre a dimensão metafórica de qualquer postulado que se proponha universal. O conceito de Édipo estrutural, descrito por Goldgrub (1998), propõe-se, justamente, levar até o fim a diferenciação entre realidade empírica e realidade psíquica. No entanto, o psicanalista francês foi, justamente, quem trouxe o estruturalismo para a psicanálise. O Édipo, já em Lacan não é empírico, mas, justamente, estrutural. É nesse sentido que Goldgrub (2010) coloca uma dúvida acerca da necessidade de retomar noções empíricas como, por exemplo, as das diferenças anatômicas entre homens e mulheres. Não seria isso um passo atrás, um passo em direção ao empirismo?

A postulação de que o inconsciente é consubstancial à linguagem e não está subordinado à biologia e à cultura liberta a psicanálise de susseranias contraditórias e incompatíveis com os achados da ciência dos sonhos. Entretanto, se Lacan buscou construir uma teoria do Édipo isenta do empirismo que Freud não pôde evitar dado o solo epistemológico que presidiu tanto sua formação como seus anos de produção teórica, não há como deixar de constatar que a manutenção da divisão de gêneros, tanto em relação às figuras parentais como no que se refere aos protagonistas infantis, assinala o “passo atrás” que se faz presente também na teorização lacaniana. (p. 161)

A noção de gozo em Lacan, ainda que complexa e multifacetada, em sua conceituação ligada a Outro como corpo teria, para Goldgrub, essa marca de um retorno ao empirismo. A discussão sobre esse corpo empírico, esse corpo que foge à linguagem, que foge ao significante, esse corpo como Outro, como, inclusive, aquilo que na mulher a colocaria não-toda na castração (na lógica do significante), seria consonante ao fato de que, para Goldgrub (2010), a leitura lacaniana do Édipo fica “a meio caminho entre o empirismo e uma concepção estrutural.” (p. 161) Pensar em estrutura, na visão de Goldgrub (2010), exclui o empírico na medida em que declara a primazia da linguagem, do simbólico e exclui qualquer realidade que se coloque para além desses domínios. Se o conceito de gozo em Lacan aponta para um excesso que remeteria justamente àquilo que estaria para além da linguagem, na visão de Goldgrub esse conceito, literalmente, não faz sentido. Ainda que esteja embasado num além do princípio do prazer, através de sua articulação à pulsão de morte - gozo, nesse sentido, como movimento contrário ao limite imposto pela castração - e sua oposição intrínseca a desejo, (LACAN, [1972] 2008, p. 13) a idéia de gozo, poderíamos pensar, teria de ser articulada - se quiséssemos conciliar a abordagem de Goldgrub àquela de Lacan - à definição que Goldgrub fornece de pulsão de morte, ou seja, o “desejo de não desejar” (GOLDGRUB, 2010). Perderíamos, então, a oposição lacaniana entre desejo e gozo e não iríamos, nesse sentido, para além do princípio do prazer - na medida em que o conflito entre prazer e desprazer nos âmbitos do inconsciente e da consciência, como descrito por Goldgrub (ANEXO, p. 49), ainda diria respeito a desejo.

A conclusão é que a complexidade da idéia lacaniana de gozo não tem lugar na abordagem de Goldgrub, constituindo-se como um dos principais pontos de divergência do autor para com as elaborações de Lacan. Dada a dimensão desse conceito na obra do psicanalista francês, é importante ressaltar o quão acentuada se torna essa divergência. Franklin Goldgrub se separa da leitura lacaniana, nesse sentido, ao se opor à primazia celebrada pela abordagem lacaniana, segundo ele, da pulsão de morte. Diz Goldgrub que “Lacan acentua a pulsão de morte. Para ele a pulsão de morte é a pulsão por excelência.” (ANEXO, p. 53) Poderíamos concluir que a noção de gozo em Lacan é fruto desse acento e, dessa forma, fica fora da jurisdição da leitura de Goldgrub.

#### **4. 4. Psicanálise Estrutural**

A leitura crítica que Goldgrub faz de Lacan, portanto, situa-se numa região parecida à que Elisabeth Roudinesco (2004) delinea como sendo oposta à canonização do mestre:

De maneira geral, temos hoje dois tipos de lacanismo. Um que repensa todo o aporte em função do último Lacan, e penso que eles são majoritários; são o que eu chamaria de fundamentalistas, os que canonizam Lacan. E os outros, são os que não tomam esse Lacan como fundamental, preferindo fazer uma releitura crítica do conjunto da obra. (p. 77)

A conclusão sobre o papel de Lacan na abordagem de Franklin Goldgrub poderia ser resumida pela diferença, sugerida pelo autor, entre os títulos psicanálise lacaniana e psicanálise estrutural:

[Psicanálise estrutural] (...) seria uma denominação bem mais adequada do que “psicanálise lacaniana”, já que o adjetivo formado com base no nome próprio confere um título de propriedade. Nesse caso, Lacan seria considerado detentor dotado de plenos poderes sobre os conceitos e o enfoque dessa corrente psicanalítica, a “psicanálise estrutural”. (GOLDGRUB, 2010, p. 112)

Embora reconheça, com essa passagem, a cidadania lacaniana da psicanálise estrutural, Franklin Goldgrub se coloca como não lacaniano justamente pelo que ele entende como o abandono do estruturalismo promovido pelo francês. Na introdução de seu último livro, “Édipo 3X4”, afirma que se trata “de demonstrar que o estruturalismo, ao contrário do que dizem seus coveiros, não morreu.” (GOLDGRUB, 2010, p. 15) Propõe, portanto, psicanálise estrutural, em vez de lacaniana, porque defende que: “(...) a psicanálise estrutural não constitui propriedade privada de Lacan & sucessores e associados. Como todo empreendimento que pertence ao campo do conhecimento, está aberto a discussão, crítica, reformulação e contribuições.” (GOLDGRUB, 2010, p. 14)

Se no capítulo anterior concluímos que Goldgrub se separa de Freud pela oposição ao modelo médico, com relação à obra de Lacan podemos dizer que a separação se dá pela fidelidade ao estruturalismo. Conclui-se que, em Freud, na leitura de Goldgrub, não houve o total abandono - necessário - do modelo médico, ao passo que em Lacan, houve o abandono - desnecessário - do estruturalismo.

## 5. Teoria do Método X Teoria do Sujeito

No cerne das diferenças entre a abordagem de Goldgrub e aquelas de Lacan e Freud está a relação entre a teoria do sujeito e a teoria do método. Falar em teoria do método, seria indagar sobre a clínica psicanalítica em seu nível mais concreto e prático. Goldgrub (2010) entende que esse nível se distingue daquele da teoria do sujeito:

A teoria do sujeito não se confunde com a teoria do método. Esta dedica-se à singularidade do discurso, enquanto a teoria do sujeito visa dar conta da subjetividade em termos genéricos. Os conceitos da última, por serem inespecíficos, não substituem a escuta nem a consequente aferição do sentido inerente a cada conjunto de associações livres. (p. 29)

Essa distinção, no entanto, é tudo menos óbvia. Podemos pensar que o objeto psicológico é sempre construído ou escolhido. Behavioristas falam em comportamento; junguianos, em indivíduo; cognitivistas investigam a mediação entre percepção e processamento; fenomenólogos pensam o ser-no-mundo. Discute-se que não há um objeto psicológico, há sempre sua construção. A clínica psicanalítica dependeria, nesse sentido, da teoria do sujeito. Escutar, nessa clínica, seria sempre escutar um sujeito construído pelo que Freud ([1926] 2006) chamou de “ciência do inconsciente” (p. 254). O ato da análise orientar-se-ia por essa crença. Poder-se-ia pensar, nesse ponto da discussão, que aquilo que Franklin Goldgrub atribui a um esquecimento do método interpretativo - o privilégio da teoria do sujeito sobre a teoria do método - fosse assunto encerrado: não haveria teoria do método sem teoria do sujeito. Essa, talvez, seja uma leitura possível de alguns trechos de Lacan (1959):

Os princípios analíticos são, no entanto, tais, que, para chegar ao objetivo, não se deve empurrá-los. Pode ser, talvez alguns dentre vocês acreditem (penso que não há muitos desse tipo), que estejamos longe da clínica. Não é verdade! Nós estamos nela em cheio, porque aquilo de que se trata, sendo situar o sentido do desejo, do desejo humano, esse modo de referência ao qual procedemos sobre o que é, de resto, desde o início, um dos grandes temas do pensamento analítico, é alguma coisa que não saberia, de modo algum, nos desviar daquilo que é, de nós, solicitado como o mais urgente.

Falar em clínica não seria deixar de falar em desejo, sujeito, gozo, Édipo, castração, etc. As noções desenvolvidas na teoria do sujeito seriam ferramentas úteis à clínica. “Situando o sentido do desejo”, como diz Lacan (1959), desenvolvendo o pensamento analítico, pensando sobre aquilo que se revela na clínica, isso não seria um desvio da clínica. Seria, pelo contrário, uma pesquisa sobre o fenômeno humano que se revela na clínica. Seria uma maneira de produzir estratégias, ferramentas e procedimentos úteis à clínica.

## 5. 1. Clínica como discurso e escuta

O que salta aos olhos nas leituras que Franklin Goldgrub (2004) faz do método psicanalítico é justamente o contrário: a utopia da clínica como discurso e escuta, sem ferramentas, sem procedimentos a não ser a atenção flutuante e as associações livres. Não caberia, nessa perspectiva, qualquer conhecimento sobre os meandros da subjetividade, sobre as dinâmicas do desejo. É contra a própria idéia de construção de um objeto psicológico para além do discurso presente que o autor tece sua leitura do legado de Freud. Teorias do sujeito apenas atrapalhariam a escuta. O método seria a postura de não-saber do analista. Uma postura semelhante, segundo ele, àquela do cientista.

(...) algo que deveria ser tão básico na psicanálise não é discutido: o método. Mas a posição do psicanalista é a posição do cientista. Ele não pode tentar preencher um fato, ou desejar preencher um fato. Ele deseja que o fenômeno promova nele a compreensão do que ele estrutura. Um cientista que pesquisa tem essa atitude de encarar sempre que ele não sabe e que não vai se contentar com nenhum simulacro determinado pelo seu desejo de descobrir alguma coisa. Quer dizer, ele está fazendo aquilo porque ele quer descobrir, mas essa motivação tem que ser jogada fora senão ele vai querer forçar uma descoberta, vai querer avançar uma solução. Na postura científica você se vê diante do fenômeno que você se propôs a investigar e que, na psicanálise, não é outra coisa senão a palavra do paciente. Não é a pessoa. (ANEXO, p. 56)

A teoria do sujeito da psicanálise, seria um saber; o método, um fazer. O saber fazer, para Goldgrub, não seria senão um saber não saber e, como tal, excluiria o saber sobre o sujeito. Na verdade, nesse não saber nem haveria um sujeito. Haveria apenas o discurso como fala do paciente e a possibilidade de escutar o sentido dessa fala. Fica a pergunta: não seria isso mesmo uma teoria do sujeito, ou melhor, não seria o sujeito constituído pela linguagem a própria base da possibilidade de interpretação de seu discurso?

Com efeito, o livro “A Máquina do Fantasma” (2001), tese de doutorado de Franklin Goldgrub, discute a hipótese de que a aquisição de linguagem é o próprio processo de constituição do sujeito. Mais uma das conclusões que partem da idéia de levar às últimas consequências a frase lacaniana “o inconsciente se estrutura como uma linguagem”, a maneira como o *infans* é elevado a ser falante é colocada, por Goldgrub, ao lado do processo que se inicia no estádio do espelho e termina no fim do Édipo com seu herdeiro, o supereu - ou, como desenvolve Goldgrub (2001), a “possibilidade de dirigir o ‘não’ para o desejo de não desejar” (p. 304). O risco desse tipo de articulação, como o próprio autor escreve, é tomar “ao pé da letra, e sobretudo ingenuamente, a fórmula lacaniana.” (2001, p. 269) No entanto, se partirmos de sua teoria do método - a interpretação do sentido metafórico da fala do paciente - e retirarmos o termo “uma” da frase lacaniana, chegaremos à conclusão de que, para Goldgrub, sujeito é literalmente igual a discurso.

Lacan propõe a fórmula fundante: “O inconsciente está estruturado como uma linguagem”. Entretanto, é possível constatar que mesmo Lacan (sem falar dos lacanianos) teve dificuldades em extrair-lhe plenamente as consequências. Para

melhor compreendê-la, seria preciso inclusive, para começar, retirar o restritivo “uma”. (GOLDGRUB, 2010, p. 41)

A fórmula seria a seguinte: o inconsciente é linguagem. A teoria do sujeito, nesse sentido, é uma teoria do discurso. Segue-se que o método claramente implica essa teoria do discurso, pois incide justamente, e somente, sobre a fala do paciente-discurso. Não haveria, nesse sentido, uma interpretação do discurso do sujeito, na medida em que o segundo termo estaria implicado no primeiro. Tem-se a interpretação do discurso, e ponto - embora seja importante levar em conta que a cada sessão de análise haveria apenas um discurso - o presente - e não, obviamente, a totalidade de enunciados do sujeito; como escreve Goldgrub (2004), “Se o discurso propriamente dito pudesse manifestar-se em sua totalidade (inacessível por definição), coincidiria com a pessoa (*paciente, analisando*).” (p. 59) Nessa linha, escritos como o seguinte, de Émile Benveniste (1988), são elevados tanto à condição de teorias do sujeito como a possibilidades de embasamento da teoria do método:

Com o semântico entramos no modo específico de significância que é engendrado pelo DISCURSO. Os problemas que aqui se colocam são função da língua como produtora de mensagens. Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o “intencionado”), concebido globalmente, que se realiza e se divide em “signos” particulares, que são as PALAVRAS. (p. 65)

Sentido seria igual a desejo: a lógica por detrás dos enunciados, o terreno do sujeito do inconsciente, o latente por detrás do manifesto. A intercambialidade desses termos, seguindo a leitura de Goldgrub, poderia voltar até a própria *Traumdeutung* (FREUD, [1900] 2001), na qual se leria que sonhos são realizações de sentidos (e não “sonhos são realizações de desejos”). Não haveria, portanto, apenas uma separação total da teoria do sujeito na teoria do método proposta por Franklin Goldgrub. Haveria também outra teoria do sujeito que sustentaria a teoria do método ao radicalizar a idéia de linguagem como fundante da condição subjetiva. O próprio Édipo, na leitura de Goldgrub (2010), é sinônimo de “relação do ser humano com a falta” (p. 50); essa última fundada pela linguagem que depõe a criança no território da falta (desejo); desejo esse que é contíguo a sentido. A conclusão é que, para Goldgrub, os conceitos de Édipo, falta e desejo deságuam juntos no rio do sentido - justamente aquilo que é ouvido com o método interpretativo.

## 5. 2. Generalização X Particularidade

A proximidade de sua concepção de subjetividade à sua teoria do método não desvaloriza, entretanto, a crítica que o autor faz do atravessamento, frequente segundo ele, da generalidade das teorias do sujeito na particularidade da situação clínica. Por outro lado, a teoria do sujeito proposta pelo autor é de uma sutileza que não se prestaria facilmente à generalização. Claro que poderíamos errar esperando que, no discurso do paciente, se

delimitasse uma relação edípica - uma relação com a falta - generalizando esse como o único sentido possível de ser ouvido e, conseqüentemente, saindo do terreno da atenção flutuante (para a atenção flutuante, na leitura de Goldgrub, só interessa saber que nada há além do que é possível ouvir). Mas esperar ouvir um Édipo estrutural é muito diferente de esperar ouvir traços de um Édipo empírico. Se tudo é linguagem e metáfora - no sentido da constituição do sujeito e sua relação com a falta - isso é consonante com uma clínica baseada na escuta e desmetaforização do discurso. Para os resquícios do Édipo empírico faria sentido investigar sobre a realidade do relatado sobre as relações parentais dos pacientes - tomadas, nesse caso, como referentes literais. Com a noção de Édipo estrutural, no entanto, já se compreende que qualquer vivência relatada será metafórica, tão metafórica quanto as histórias da infância que levaram, para essa perspectiva, à formulação do Édipo empírico por Freud. Na abordagem metafórica, se o paciente falar sobre seu pai ou sua mãe, não terá falado sobre seu pai ou sua mãe; se falar sobre a parede do consultório, tampouco estará falando sobre a parede do consultório. Apenas o conjunto das associações revelará sobre o que se fala - algo absolutamente não generalizável às teorias sobre as relações familiares. Nada na fala será tomado como uma referência ao empírico. O próprio problema do empírico na teoria do sujeito, para Goldgrub (2010), não seria diferente da principal questão colocada pelo autor sobre a teoria do método: a generalização.

Essa “empirização” é problemática em virtude de seu caráter generalizante. Nem todas as crianças deparam com uma figura masculina no desempenho de um função restritiva, ou uma figura feminina enquanto representação do amor incondicional. Quer em virtude das peculiaridades que distinguem as configurações familiares, quer por terem sido criadas em instituições, quer por pertencerem a famílias estruturadas de acordo com modelos diferentes dos da cultura ocidental, mas fundamentalmente porque as expectativas inconscientes singularizam cada existência humana, independentemente do gênero. O mesmo pai e a mesma mãe serão diferentes para cada filha/o. (p. 149)

A questão parece interessante se olhada sob a perspectiva da direção da relação entre teoria do sujeito e teoria do método. Se após os anos de formação em psicanálise dever-se-ia desenvolver algo como um olhar psicanalítico a ser utilizado na clínica, isso aconteceria, principalmente, pela imersão nos raciocínios da teoria do sujeito dessa disciplina, através da leitura e discussão dos textos de Freud, Lacan e tantos outros. A formação do psicanalista não se trata de fórmulas óbvias do tipo “se o paciente disser isso, você diz isso”. O psicanalista aprende com as obras dos mestres da psicanálise, pela própria análise pessoal e pelo testemunho clínico. É aqui que existe um ponto interessante: se o atravessamento da teoria do sujeito sobre a prática clínica é algo, para Goldgrub, a ser evitado pelo risco da generalização, por outro lado, a teoria do sujeito não necessitaria da clínica para se desenvolver? Preservar a particularidade de cada caso clínico implicaria não se deixar contaminar pelo que já foi dito sobre o sujeito em geral. Mas para desenvolver o que já foi dito sobre o sujeito em geral é necessário, logicamente, olhar para o sujeito particular. A psicanálise é, antes de tudo, fruto do testemunho clínico de Freud. Nesse

sentido, poderíamos pensar que as teorias do sujeito atrapalham a clínica tanto quanto, em tese, a clínica ajuda as teorias do sujeito. A própria teorização sobre o Complexo de Édipo começa com a constatação de Freud ([1900] 2001) sobre a frequência do aparecimento de sonhos incestuosos em seus pacientes e com a hipótese de que os afetos direcionados aos pais são sempre presentes na vida mental dos seres humanos.

Em minha experiência, que já é extensa, o papel principal na vida mental de todas as crianças que depois se tornam psiconeuróticas é desempenhado por seus pais. Apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época e que é tão importante na determinação dos sintomas da neurose posterior. Não acredito, todavia, que os psiconeuróticos difiram acentuadamente, nesses aspectos, dos outros seres humanos que permanecem normais - isto é, que eles sejam capazes de criar algo absolutamente novo e peculiar a eles próprios. É muito mais provável - e isto é confirmado por observações ocasionais de crianças normais - que eles se diferenciem apenas por exibirem, numa escala ampliada, sentimentos de amor e ódio pelos pais, os quais ocorrem de maneira menos óbvia e intensa nas mentes da maioria das crianças. (p. 261)

O Édipo empírico é uma constatação clínica que Freud generalizou ao desenvolvê-lo em núcleo teórico da psicanálise. Mas isso aconteceu depois da obra que Goldgrub entende como fundamental ao método interpretativo. Não havia, na época da “Interpretação dos Sonhos”, uma teoria do sujeito tão complexa quanto a tópica lacaniana do Real, Imaginário e Simbólico, por exemplo. Voltar à pureza desse momento inicial, em que a interpretação na clínica implicava um real não saber psicanalítico - perdido após tantas teorizações acerca da subjetividade? - parece ser a direção que Franklin Goldgrub aponta com sua leitura do legado de Freud. Mas é interessante pensar o quão difícil seria a construção de uma teoria do sujeito a partir do método proposto pelo autor de “A Metáfora Opaca”. Se tudo na fala dos pacientes é metáfora e se nada remete a algo possível de ser generalizado - como, por exemplo, uma discussão sobre as metáforas que aparecem com maior frequência nos dias de hoje, ou para as mulheres, jovens, etc. - não existiria a possibilidade de, a partir desse método, compreender sobre o sujeito humano em geral. Trata-se de um método que visa o absolutamente individual e particular e, como não visa a investigação da subjetividade para além da fala presente, impossibilita qualquer estudo de caso. Segundo Goldgrub, a própria pergunta sobre qualquer melhora num paciente particular é dissonante a essa abordagem:

Com que base eu poderia dizer assim, “a minha interpretação hoje é uma interpretação que não aponta para um conflito, pelo contrário, aponta para a superação de um conflito... o paciente foi tratar de algo que dá prazer a ele e é a primeira vez que ele diz, ou raramente ele diz”? Ou por que que eu vou tomar isso como um critério para dizer “então mudou alguma coisa no discurso dele como um todo”? Eu não posso me basear nisso para extrair uma conclusão tão ambiciosa em relação a uma sessão. Mas você poderia dizer “e com dez sessões? Ele só falou de conflito e a interpretação que você deu apontava para conflito e, depois do mês ‘X’, foram dez sessões que todas as suas interpretações foram diferentes e a metáfora que você pegou não era uma metáfora conflitiva.” Se você for se basear numa questão empírica, se adotar o critério empírico, factual, pode dizer “bem, é provável que alguma coisa esteja acontecendo com ele”. Mas daí se coloca a questão: como você sabe que isso foi da análise? O que te garante isso? Interprete e não se preocupe com isso. Se você se preocupar, só vai te atrapalhar. (ANEXO, p. 57)

Aqui se retoma a discussão sobre interpretação versus análise de conteúdo. O autor reconhece que a segunda foi fundamental, do ponto de vista histórico, para o desenvolvimento da teoria do sujeito. Isso porque “o método interpretativo não teria permitido o contato direto com a ‘realidade’ (isto é, a referência) dos sintomas.” (GOLDGRUB, 2004, p. 110) Mas, para ele, o método psicanalítico não pode ser separado da “constatação da singularidade absoluta do discurso” (GOLDGRUB, 2004, p. 110) e, portanto:

A dobradiça articulando a teoria do sujeito e a teoria do método poderia ser descrita aproximadamente assim: se o inconsciente se estrutura como linguagem, o sujeito (identidade) existe enquanto discurso. Em decorrência, se a teoria das leis gerais da linguagem (isto é, do inconsciente) requer a perspectiva do universal, a pesquisa do sentido presente no discurso (isto é, no sujeito) requer o reconhecimento da singularidade. (p. 111)

Se a teoria do sujeito é do âmbito do universal e a teoria do método é exclusivamente focada na singularidade, conclui-se que, na abordagem de Goldgrub, a atenção flutuante é a ferramenta primordial para evitar a contaminação do universal no singular. No entanto, a metáfora opaca, por ser da ordem da estrutura (sentido) por detrás da fala (significação), não teria o colorido da referência, ou seja, da realidade empírica do paciente. Seria como que da ordem do universal daquele conjunto particular de associações. A articulação entre empírico e estrutural é, assim, renovada no conceito de metáfora opaca. Só que aqui a questão não é da ordem do sujeito humano em geral, mas do sujeito/discurso em particular. Os exemplos de interpretação de sessões que o autor transcreve em seu livro “A Metáfora Opaca” (2004) têm todos essa característica estrutural e não referente ou empírica:

Ter é inaceitável (...) desfaz-se de tudo o que valorizava (afetiva e financeiramente) em virtude da culpa, insuportável. (GOLDGRUB, 2004, p.182)

(...) exigência de que o novo seja aceito pelo “primeiro cliente”, especialmente esquivo, e que deveria ser conquistado: o pai. (GOLDGRUB, 2004, p. 186)

(...) conflito entre segurança (afetividade, cooperação), associada porém a situações de disputa, perda de espaço e de autonomia e, de outro lado, liberdade, associada porém a isolamento (abandono, insegurança, solidão). (GOLDGRUB, 2004, p. 197)

(...) dificuldade de receber (verbo estigmatizado, conotando inferioridade, dependência e insegurança) e a obrigação de dar (conotando o desejo de ser imprescindível, garantia de auto-estima, segurança e proteção contra a solidão). (GOLDGRUB, 2004, p. 202)

(...) valorização profissional e valorização afetiva opõem-se intrinsecamente. Qualquer progresso numa direção afetará negativamente a outra. O homem ama a mulher que não lhe faz concorrência e odeia a que se encontra em posição superior. (GOLDGRUB, 2004, p. 170)

O que se produz na escuta interpretativa de uma sessão particular é como que uma teoria estrutural sobre aquele conjunto de associações. Se Goldgrub menciona a

proximidade entre a atitude do psicanalista e aquela do cientista é porque se refere a essa postura investigativa. A questão da oposição à teoria do sujeito é que a investigação, para essa abordagem, restringe-se à sessão particular. Interpretar seria como que extrair o universal desse particular e não o genérico no qual esse particular se encaixaria. Metaforicamente, poderíamos dizer que nessa abordagem, a cada sessão se obteria uma “teoria” que diria respeito à estrutura, não do sujeito genérico nem tampouco do sujeito particular, mas do discurso presente.

## 6. Conclusão - outra psicanálise.

Após meses de navegação nas águas desses três autores - Goldgrub, Freud e Lacan - volto ao porto com pelo menos uma certeza: o tema escolhido é amplo e suas entradas são variadas demais para serem exclusivas. Muitos outros caminhos poderiam ter sido escolhidos para essa viagem. A conclusão da trilha adotada pelo presente texto começa com o seguinte questionamento:

Uma psicanálise na qual a sexualidade não tem foro privilegiado, a transferência é apenas mais uma parte do discurso, o inconsciente pode se manifestar de maneiras não conflitivas e, através do conceito de sublimação, a falta é compreendida como condição necessária à felicidade; uma psicanálise cuja clínica se baseia no silêncio interior do analista, permitindo a desmetaforização involuntária do discurso do paciente; uma psicanálise cuja função do analista é - apenas? - a interpretação, e o ganho do paciente é o aumento de sua liberdade de escolha; uma psicanálise, baseada na noção de sujeito como discurso constituído no momento da aquisição da linguagem; sujeito sempre particular, não generalizável ou redutível a estruturas previamente descobertas; discurso na clínica sempre único, desconhecido, metafórico; psicanalista como aquele que interpreta a partir de um estado de silêncio interior, sem vontade ou pressa de curar, sem uso da contra-transferência ou de procedimentos como o de apontar contradições, a pontuação e a escanção; uma psicanálise que entende o adensamento da fala em uma sessão como essencial para o desvelamento de seu sentido metafórico; uma psicanálise na qual a teoria do sujeito não tem visto para entrar no consultório... será isso ainda uma psicanálise?

Esse trabalho conclui que sim: isso ainda é uma psicanálise, pois deriva de uma leitura pontual de Freud e Lacan. Pontual e não abrangente, poder-se-ia dizer. Muito de ambos os autores é deixado de lado e muito, como dito anteriormente, tem sua importância aumentada. Não obstante, trata-se de um pensamento cuja filiação é clara: é dos pais da psicanálise que Franklin Goldgrub herda a identidade de seu pensamento. Seus conceitos estão todos lá, mas não com o peso ou a radicalidade de sua leitura. Freud, como vimos, escreveu sobre atenção flutuante e interpretação. Lacan compreendeu que o inconsciente se estrutura como (uma) linguagem. Franklin Goldgrub, no entanto, levou essas idéias às últimas consequências. Isso, claro, não sem o sacrifício de várias outras. Em última análise, a pergunta sobre do que se trata a essência da psicanálise paira sobre qualquer leitura que se faça da obra de Freud. Se a leitura de Goldgrub é uma leitura possível, isso significa apenas que ele mesmo realmente embasa seu pensamento em Freud e Lacan, ou seja, que suas idéias partem de um lugar preciso.

O objetivo de investigar acerca da filiação de um pensamento, descrito na introdução do presente trabalho, foi - acredito - alcançado. O método também parece ter sido adequado, pois primou pela liberdade associativa e manteve-se circunscrito a textos fundamentais, sem a pretensão de ser abrangente demais. Na verdade, a leitura da obra de Goldgrub inspira esse tipo de enquadre. De novo, trata-se de uma leitura pontual, não abrangente. Tão pontual que seria quase impossível não compreendê-la como uma dissidência da psicanálise de Freud e Lacan. Esse parece ser um comentário possível de ser endereçado à abordagem de Goldgrub: será que sua psicanálise estrutural não seria melhor definida como “goldgrubiana”?

Em seu mais recente livro, Goldgrub (2010) dedica um capítulo à discussão sobre “a teoria das pulsões e a biologia”. (p.115) Caminhando na mesma linha que sai do Freud médico e vai em direção à autonomia da ciência do inconsciente, Goldgrub (2010) renova sua convicção de que “a emancipação das ciências humanas face ao modelo das ciências biológicas, regido pelo darwinismo, deveu-se à linguística” (p. 19) e à linguagem. Discutindo sobre a idéia de traço mnésico de satisfação - constituído na primeira infância pela tradução da necessidade do bebê de alimento em desejo herdeiro do estado de saciação proveniente da intervenção da figura materna (que alimenta) - o autor questiona a possibilidade de memória organizada antes da aquisição de linguagem:

Antes da aquisição da linguagem, ou seja, no período da comunicação [ou palavra especular], a criança não tem como compreender que “depois”, não “agora”, o que ela pede lhe será dado; não compreende tampouco os referentes de “hoje”, “ontem”, “amanhã”. Vive no “aqui e agora”, vivencia o presente de uma maneira que somente a ausência de linguagem poderia propiciar. (GOLDGRUB, 2010, p. 120)

Não se trata de uma questão menor. Se o tal traço mnésico não é possível nesse primeiro momento da vida humana, conclusões como a de Freud (1920) sobre o jogo do “fort-da” (p. 141) teriam de ser contestadas por serem originárias de um momento prévio à entrada na linguagem. Goldgrub (2010) faz justamente isso quando postula que “torna-se essencial então distinguir a comunicação da linguagem, sem o que as primeiras designações da criança (caso do ‘fort/da’) serão interpretadas erroneamente como indício de ingresso na língua materna.” (p. 87) A idéia é que, na brincadeira do neto de Freud, os sons “fort” e “da” seriam associados à ida e à volta do carretel. Tais associações teriam um caráter comunicativo, ou seja, sons conectados a objetos. Não teriam, no entanto, qualquer atribuição metafórica relacionada à ausência e ao retorno da mãe. Pensar assim seria supor que a criança já teria, antes da aquisição da linguagem, a capacidade de metaforizar. A crítica de Goldgrub é justamente essa: o jogo do fort/da não teria como significar mais do que uma brincadeira de criança. A conclusão é que para o autor, antes do *infans* entrar na linguagem há apenas a linguagem materna - ou o discurso do campo desejante que trouxe a criança ao mundo. O *infans* tampouco teria qualquer necessidade para além das atribuições do desejo materno. Não haveria experiência de satisfação que inscreveria um traço mnésico

na criança, portanto, por dois motivos: primeiro, não há, para Goldgrub, memória linear antes de linguagem; segundo, não há necessidade antes de desejo. Biologia ou necessidade, nesse raciocínio, não seriam nada além de ilusões: o ser humano teria apenas desejo. Essa afirmação não iria contra Lacan a não ser na concepção de uma linha ontogenética que elucidaria o nascimento do desejo por uma articulação aos conceitos de necessidade e demanda.

A questão talvez diga respeito ao questionamento - em nome da coerência para com a idéia de primazia da linguagem - de conceitos caros à psicanálise tanto de Freud como de Lacan. Franklin Goldgrub, nesse questionamento, se posiciona contra uma série de idéias estabelecidas na ciência do inconsciente. Entretanto, ao justificar esse embate como proveniente do engajamento na empreitada da emancipação de tal ciência, o autor se posiciona na mesma linha evolutiva, por assim dizer, de seus antecessores. A jornada da emancipação começa em Freud e continua em Lacan. Justamente por isso, Goldgrub é crítico ferrenho de tudo o que considera ser um retrocesso nesse processo emancipatório. O Édipo feminino e o corpo empírico são alvos claros de suas críticas. Também qualquer busca por causas de sintomas - que implicam, na leitura de Goldgrub, uma oposição à busca pelo sentido (inerente à linguagem) de tais sintomas - sofrerá ataques dessa abordagem. Nesse raciocínio, é possível considerar que a primazia do metafórico realmente tem um caráter emancipatório na medida em que filtra quaisquer impurezas que o conceito de realidade psíquica (ou discursiva) poderia ainda conter. O psicanalista tem, nessa abordagem, terreno totalmente próprio.

Quanto aos desdobramentos possíveis à presente pesquisa, sem dúvida uma investigação específica sobre a técnica da atenção flutuante parece interessante. A descrição de Goldgrub desse estado de silêncio interior frequentemente assume um tom parecido com o das descrições de estados meditativos. A própria idéia de uma atenção que não se prenda a nenhum ponto específico do discurso, visando o todo das associações e não selecionando nada que pareça familiar ao analista tem, aparentemente, certa correspondência com descrições como a seguinte:

A “meditação” que Krishnamurti advoga não tem sistema, muito menos “repetição e imitação”. Ele propõe, tanto como meio quanto com fim, uma “consciência sem escolha” (*choiceless awareness*), que é “vivenciar o que existe sem nomear”. Esse estado está além do pensamento; todo pensamento, diz ele, pertence ao passado, e a meditação está sempre no presente. Para estar no presente, a mente precisa abandonar os hábitos adquiridos pela necessidade de estar segura; “seus deuses e virtudes têm de ser devolvidos à sociedade que os gerou”. É preciso abandonar todo pensamento e toda imaginação. (GOLEMAN, 1997, p. 116)

Seria o estado de atenção flutuante descrito por Goldgrub comparável ao estado de atenção (ou consciência) sem escolha - *choiceless awareness* - de Krishnamurti? Trata-se de um caminho interessante de ser investigado em trabalhos futuros. Um estudo desse tipo não aconteceria, no entanto, sem o risco de ser superficial. Qualquer redução da psicanálise

ao misticismo é perigosa. No entanto, ao falar de silêncio interior, Goldgrub parece sugerir um estado tão sutil e diferente do que habitualmente se entende por atenção que é difícil evitar paralelos com os estados ditos meditativos. O desafio de uma investigação como essa seria o de não fugir do enquadre psicanalítico.

O presente trabalho chega ao fim com essa questão: quais são as fronteiras da psicanálise? A infância, a sexualidade, a própria clínica? Franklin Goldgrub propõe e advoga que o terreno da psicanálise é aquele da linguagem. Discutir se constitui perda irreparável o que, nessa leitura do legado de Freud e Lacan é deixado de fora, é uma outra questão. Como o próprio título esclarece, tratei de investigar sobre a articulação da obra de Goldgrub com aquela de Freud e Lacan. Sobre essa articulação, seu embasamento e sua coerência, a conclusão é que sem a sexualidade como ponto central, sem a análise de conteúdo na clínica e com o otimismo da inclusão da sublimação como possibilidade estrutural, a psicanálise de Franklin Goldgrub é, certamente, outra psicanálise.

## Referências bibliográficas

- ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 295p.
- BENVENISTE, E. (1974). *Problemas de Linguística Geral II*. Revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 2006. 294p.
- FORBES, J. Jacques Marie Émile Lacan: O Analista do Futuro. In: *Coleção Memória da Psicanálise*: No. 4 - LACAN. São Paulo: Ediouro, 2004.
- FREUD, S. (1900). *A Interpretação dos Sonhos*. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001. 614p.
- FREUD, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Volume 2. Coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1925). A Negativa. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- FREUD, S. (1926). Psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Volume XX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GOLDENBERG, R. Corte e Costura. In: *Coleção Memória da Psicanálise*: No. 4 - LACAN. São Paulo: Ediouro, 2004.
- GOLDGRUB, F. *Trauma, Amor e Fantasia*. São Paulo: Editora Escuta, 1988. 177p.
- GOLDGRUB, F. *Freud, Marlowe e Cia*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1994. 156p.
- GOLDGRUB, F. *A Máquina do Fantasma*: aquisição de linguagem & constituição do sujeito. Piracicaba: Editora Unimep, 2001. 316p.
- GOLDGRUB, F. *O Neurônio Tagarela*: psicanálise, neurociências, psicossomática, drogadição. São Paulo: Olho d'Água, 2002. 232p.
- GOLDGRUB, F. *A Metáfora Opaca*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 293p.
- GOLDGRUB, F. *Édipo 3X4*: Estruturalismo, Linguística, Antropologia, Psicanálise. São Paulo: Samizdat, 2010.
- GOLEMAN, D. *A Mente meditativa*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- KEHL, M. R. Ética e Técnica. In: *COLEÇÃO MEMÓRIA DA PSICANÁLISE*: No. 4 - LACAN. São Paulo: Ediouro, 2004.
- LACAN, J. (1968). *O Seminário, livro 16*: de um Outro ao outro. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- LACAN, J. (1959). *O Seminário 6*: O Desejo e sua Interpretação. Tradução de Paulo Medeiros e equipe. Disponível em: <<http://www.bsffreud.com/bibonline.html>>. Acesso em: 1 junho 2010.
- LACAN, J. (1960). *O Seminário, livro 7*. A Ética da Psicanálise. Versão brasileira: Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. 387p.
- LACAN, J. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1975). *O Seminário, livro 20*: mais, ainda. Versão brasileira: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. 157p.

METÁFORA. In: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 2 junho 2010.

MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1985. 763p.

MEZAN, R. *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 595p.

PINKER, S. *The Stuff Of Thought: Language as a window into human nature*. New York: Penguin Group, 2007.

ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 724p.

SAUSSURRE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2004. 279p.

UCHITEL, M. *Além dos Limites da Interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 160p.

ZIZEK, S. *How to read Lacan*. New York: W. W. Norton & Company, Inc., 2006. 132p.

ZIZEK, S. *The Reality Of The Virtual*. Director: Ben Wright. DVD (71min). London: Ben Wright Film Productions, 2004.

## **Anexo - Entrevista com Franklin Goldgrub**

### **Entrevista realizada em 11 de Maio de 2009 na PUC-SP**

P: Por que a clínica - como desmetaforização da fala - é algo bom? Por que é um benefício?

R: Essa é uma questão bem difícil na análise. Creio que é porque Freud supõe que todo sentido inconsciente que se manifesta como conflito – porque o sentido inconsciente pode se manifestar como prazer, como sublimação, como criatividade – mas quando ele se manifesta como conflito ele tem um modelo de determinação, de coerção, de diminuição do nível de liberdade, de diminuição de grau de escolha. E se essa maneira de pensar for boa isso significaria que a consciência representa o nosso grau de liberdade face a esses aspectos do inconsciente que são conflitivos, que se expressam como conflito. A nossa consciência, nesse ponto de vista, seria sempre consciência do que é inconsciente e nunca consciência do que é exterior a nós – do mundo objetivo ou fenomenal. Essa consciência do mundo fenomenal não é senão a consequência da consciência face àquilo que em nós é inconsciente. Então aí definiríamos consciência como grau de liberdade, como grau de liberdade possível. E se for assim, a nossa suposição é que tomar consciência – desmetaforizar – seria aumentar o grau de liberdade, o que diminuiria a coerção que viria do conflito. E se supõe que a coerção seria desprazerosa, que se traduziria por uma sensação de desprazer, de não poder escolher, de ter diminuído o grau de escolha. Então aquilo que, no início da psicanálise, Freud chamaria de descarga de energia sexual, aqui deve ser substituído pela idéia de que não se trata de uma ausência de descarga que leva ao desprazer, não se trata de um acúmulo de tensão (uma explicação meio físico-biológica da natureza do prazer e do desprazer... os conceitos de processo primário e secundário ou do princípio do prazer e da realidade são todos baseados nessa noção de que o prazer é descarga, uma coisa quase psicossomática). Um bom exemplo disso é a perversão. A perversão é um contato com o objeto de desejo, mas um contato de natureza conflitiva. Esse contato com o objeto de desejo, quer seja pensado como um contato sexual em si ou não, não importa, é contato e não fuga. Então aquilo que seria da ordem da descarga está presente. Perversão é compulsão, não há liberdade. Uma confusão que se faz muito em psicanálise é a de considerar que a perversão é a liberdade que na neurose não se tem. E não é assim que Freud escreve. Freud escreve algo como “a gente tem que transgredir”, “tem que desafiar aquilo que em nós se constitui como regra”. Tem – não que eu posso – tem. Então a noção de descarga como prazer é uma noção que não se mantém por essa contradição. Então a idéia de desmetaforização é a idéia de que o caráter ou proibitivo, ou compulsivo ligado a certos eventos, neuróticos ou perversos, diminui a liberdade. E o que é sentido como prazer é a liberdade em grau superior. O que nos interessa é essa liberdade.

Na perversão e na neurose existe uma diferença de valores entre o que é prazer inconsciente e na consciência. Na neurose o que aparece como desprazer na consciência seria prazeroso no inconsciente. Na perversão o que aparece como prazeroso na consciência seria desprazeroso em termos inconscientes. Daí a idéia de conflito. Tudo bem que na perversão o sujeito faz o que quer, mas é compelido pela pena, não tem liberdade de não fazer isso. A relação com o objeto de prazer é de dependência e de dominação. Quer eu domine, quer ele domine, é um conflito de desejos. E essa é a idéia de que há um valor diferente no discurso inconsciente e no consciente. E o contrário disso seria a sublimação, ou seja, a aceitação da falta – na verdade, mais que uma aceitação: um júbilo da falta – que é o contrário da recusa da falta na perversão que busca o objeto compulsivamente, ou a fuga do objeto, na neurose, com sofrimento. Em ambos os casos a falta ocasiona um grau de sofrimento que não há na sublimação. A sublimação significaria a escolha, não a compulsão, nem a fuga, mas a escolha dos comportamentos que se tem. Claro que não em termos absolutos porque nenhum ser humano é cem por cento sublimação. Sempre há neurose e perversão.

P: Como a linguagem cria a falta?

R: É uma questão praticamente insolúvel. Tudo o que a gente poderia fazer é como o físico que diz acerca da matéria e da energia, que existe. No limite, a psicanálise poderia dizer que a gente concebe que a linguagem tem esse efeito. Agora, no estudo de toda língua, da estrutura de toda e qualquer língua, vai se ver a impossibilidade da concordância entre significante e significado. Quer dizer, a linguagem seria um fenômeno – isso é bem Saussure – que se baseia totalmente na diferença. Seja lá em que nível. Se você pegar os fonemas, por exemplo, tudo o que se pode dizer é que um fonema não é o que os outros são. O mesmo acontece com as consoantes, que vêm das posições da boca. É como uma flauta, você fecha e faz um grave, e assim por diante. Então é isso: o que diferencia um fonema do outro é a diferença, não se pode dar uma definição positiva de um fonema. E isso vai se repetir em todos os níveis da linguagem. O que diferencia uma palavra da outra é o fato de que ela é um signo, composta de significante – o som – e de significado. E o que diferencia um significante do outro é que, rigorosamente falando, não há sinônimos. Rigorosamente falando há sempre uma aceitação da língua e mesmo que sejam sinônimos há sempre uma especialização num código diferente. O que define a morfologia é a diferença entre as entidades morfológicas, tipo substantivo, adjetivo. O que define a sintaxe é a diferença entre as partes do discurso: sujeito, predicado. Quer dizer, a linguagem e toda língua (que é a manifestação da linguagem) é sempre definida pela diferença. Então a separação, digamos assim entre aspas, entre o campo desejante e a criança que adquiriu linguagem, essa separação nada mais é que diferenciação: a separação daquele cujo desejo promoveu a existência desse novo ser e esse novo ser que se separa porque

adquiriu linguagem. Se ele não adquirir linguagem... a não aquisição de linguagem significa a não separação, no autismo, ou a separação parcial, na esquizofrenia.

P: A interpretação e sua consequência no analisando – o *insight* – pode ser pensada com promotora de uma mudança de visão sobre as causas dos comportamentos em geral, independente do conteúdo específico da sessão presente. Como a desmetaforização do discurso se liga à aceitação da falta?

R: O aumento do grau de aceitação da falta é a consequência esperada de uma interpretação que efetivamente capte o sentido subjacente à significação. Essa diferença entre o sentido em relação à significação é uma diferença, digamos, que pode ter esse sentido de promover a compreensão de que o comportamento não é motivado por aquilo que eu julgava... então é uma conclusão do tipo “significação é diferente de sentido, sentido é diferente da significação”. Essa compreensão resultaria, digamos, numa diminuição do grau de certeza que a gente tem, que a gente quer ter ou precisa ter por motivos de segurança. Seria algo como “o que parece ser o que é pode ser muito mais do que parece ser, pode ser outra coisa além do que parece ser”. Assim, há a possibilidade de que as nossas convicções mais fortes e mais sagradas – as nossas certezas – não correspondam à realidade e que existam outras possibilidades para além das certezas que a gente tem, existam outros pontos de vista possíveis. Ou seja, é a compreensão de que é possível viver com uma certa dose de incerteza. Então, significante e significado não estão intrinsecamente ligados e existe sempre um deslizamento, como diz Lacan. Um significante pode ter mais de um significado, um significado pode servir a uma variedade de significantes numa acepção diferente. Quer dizer, é o conhecimento, talvez, da diferença que nós temos em relação a nós mesmos. A noção de que nós não somos o que a nossa consciência, a nossa auto-imagem diz que nós somos: “não é assim exatamente, nós temos outras possibilidades, que desconhecemos, de ser.” E o efeito do imaginário seria o de não aceitar essa “falta-a-ser”, como diz Lacan, a indefinição definitiva, estrita, do que nós somos, de não aceitar que nós somos uma falta... uma falta que se alimenta do que ela desejar se alimentar, mas uma falta.

P: Existe a tendência a pensar em acumulação de consciência, algo como “quanto mais eu souber de mim mesmo, mais serei livre”. No entanto, a percepção de que o que falamos não é o que pensamos que falamos parece conduzir a um insight estrutural. Em que medida esse é o principal insight, ou seja, o de que não temos certezas sobre nós mesmos?

R: Na medida em que seja um insight por excelência... eu acho que essa atitude é como se ela fosse a consequência das diversas interpretações que são particulares em relação ao conjunto de associações livres. Então a interpretação não visa, digamos assim, como se fosse sua finalidade dizer para o paciente, “olha, abandone suas certezas”. Creio que justamente esse é o erro lacaniano porque me parece que existe essa finalidade. Algo

como tentar convencer o paciente de maneira até militante, quase religiosa, assim... “dispa-se da sua consciência”, “abandone suas crenças”, “quem tem crença é um bocó”...

P: Porque é do imaginário...

R: Sim, porque é do imaginário. “Não tem o saber. Não tem nada. Não tem objeto.”

P: Algo como a “aceitação do niilismo”.

R: É a imposição da falta. Essa é uma crítica forte que se pode fazer ao lacanismo: o lacanismo não entende a sublimação. Não entende absolutamente a sublimação. E a “coisa”... como que referido à “coisa virtuosa”... como se a sublimação fosse pensar naquele momento inicial de Freud, que é a sociedade que impõe o comportamento adequado... “se a pessoa renunciar à sexualidade ela será premiada com um afago social”. Acho que é isso que está atrás dessa suposta substituição lacaniana de “a coisa não existe, o objeto bem nasce e não existe”, voltando aos Gregos, Platão, “o bem não existe”. Mas a sublimação não é o bem. É a criatividade, a liberdade de escolha. A liberdade de criar o que não existe. Não digo assim filosoficamente ou artisticamente, apenas. Tudo o que for da ordem da criatividade nas relações humanas, na sexualidade, no erotismo, inclusive. Quer dizer, aquela idéia de que na sublimação você substitui a fonte não tem nada a ver.

P: Que é muito da psicossomática e lá é um problema que não haja descarga física da sexualidade. Ou mesmo a noção de Reich de que a sexualidade deve continuar a ser pensada como uma questão corporal.

R: Em Reich sexualidade continua sendo algo bem literal: a “energia sexual”. Mas a postura lacaniana parece ser a tentativa de vender a falta ao paciente e de colocá-lo numa posição de superioridade na medida em que ele aceite que não existe objeto nenhum que vale a pena. É um tipo de religiosidade nefasto.

P: Então sublimação, criatividade e liberdade seriam os objetivos da clínica da psicanálise?

R: Não, porque não se pode ter um objetivo. O analista deve ser apenas alguém que interpreta. Mas se a gente fosse buscar fora da metodologia clínica um objetivo, ou nem um objetivo, uma consequência necessária de uma análise bem conduzida... se a gente pudesse definir a consequência de uma análise que deu certo, a consequência seria essa: o aumento da criatividade e da liberdade em tudo que o sujeito faz na vida, desde numa atividade “x”, até nos relacionamentos que ele tem. Isso é como que a consequência, mas não buscada pelo analista. É aquilo que inevitavelmente aconteceria: você aumenta a região de aceitação da falta sem que a aceitação da falta seja percebida numa ótica niilista de “então nenhum objeto vale a pena”.

P: Sem uma ótica de adoração da falta.

R: É, sem a adoração da falta, de um deus ausente, de uma sabedoria extraordinária que seria saber que nada vale a pena, que não tem objeto. É a ilusão de que se pode viver sem ilusão. Quer dizer, a desvalorização do imaginário em função do simbólico, que foi boa parte do trabalho de Lacan, é um erro porque diante do objeto não se pode ter apenas a relação de fuga neurótica ou de dependência perversa. A gente pode ter uma relação de objeto em que a gente não fuja e nem tente dominá-lo, nem queira que ele dependa de nós. Existe uma relação de objeto em que se aceita o risco da relação, o risco da perda, isto é, não dar ao objeto a função de preencher o desejo, mas de ter uma relação com o objeto de prazer, de felicidade. Porque existe uma tendência à incompletude, eu concordo. A pulsão de morte está aí. Mas existe a pulsão de vida, quer dizer, a teoria das pulsões de Freud é assim: um conflito entre a tendência à incompletude e a tendência, igualmente forte, à completude. Lacan acentua a pulsão de morte. Para ele a pulsão de morte é a pulsão por excelência. Em Melanie Klein é mais difícil de entender isso porque ela biologiza, mas ela acentua também a pulsão de morte, tendo como fundamental a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva. Então tudo acaba sendo, no fundo, pulsão de morte. Mas isso não é bem o que Freud coloca. O princípio do prazer tem tanta importância quanto o do nirvana. Então esse pessimismo, esse niilismo lacaniano é uma ideologia vendida ao paciente.

P: Mas voltando à interpretação, você coloca que não pode haver intenção no ato de interpretar. A interpretação tem que acontecer como efeito do discurso em associação livre sobre o discurso em atenção flutuante.

R: A interpretação é extraída pelo discurso. Quanto mais isso acontecer, mais o psicanalista estará cumprindo o seu papel de deixar que o paciente extraia dele a interpretação. Quer dizer, ele é que vai emitir a interpretação, mas essa missão da interpretação por parte dele é tudo menos pessoal. Quanto mais ele se limitar a devolver para o paciente aquilo que o paciente eliciou nele... porque é o paciente que provoca a desmetaforização...

P: Eliciar é um termo bom, nesse caso.

R: É bastante behaviorista. (risos) Mas é causa: o paciente causa a interpretação e o analista não tem o que fazer a não ser deixar que o paciente governe a sessão. E não é só através da associação livre que ele faz isso, mas ele obriga que a atenção flutuante siga o curso da associação livre, a linguagem da associação livre. Se o analista se deixar conduzir pelo paciente, a associação livre causará esse efeito.

P: Isso sem chamar esse efeito de contra-transferência.

R: Isso seria absurdo porque a contra-transferência é o discurso do analista. Se eu, por exemplo, me entedio com o paciente, ou sinto raiva dele, ou me apaixono por ele, ou seja como for, isso faz parte do meu discurso pessoal, é a minha falta que está em jogo, o paciente entrou na minha falta, quer dizer, passou a ser objeto da minha falta. Eu estaria

buscando nele algum grau de completude, seja pela hostilidade, seja pelo amor. Ele passa a ser objeto a, objeto de meu desejo. E o que deve ser objeto do meu desejo é a prática psicanalítica. É à prática que eu transfiro o meu desejo, o desejo de curar a minha falta. Mas, paradoxalmente, a prática psicanalítica, colocada no papel de suprir a minha falta, só pode funcionar se eu desvencilhá-la desse papel que eu dou pra ela. Porque se eu transponho para a prática psicanalítica bem executada o meu objeto a, então em decorrência eu vou querer saber que eu estou praticando bem. Provavelmente vou exigir que o paciente demonstre que a análise está dando certo.

P: O tal *furor sanadis*.

R: Exatamente. Então essa primeira transferência que eu faço para o meu trabalho tem que ser seguida de uma renúncia. Algo como: “nem isso eu posso querer”. Então o primeiro movimento é perceber que a transferência é com o trabalho, não com o paciente. E o segundo movimento é assim: “eu não posso querer ajudá-lo”. Então eu fico, digamos assim, sujeito à falta mesmo.

P: É algo como querer trabalhar bem, mas não querer no ato do trabalho?

R: Sim. Na medida em que eu colocar o meu desejo eu vou prejudicar a minha escuta. Então se o meu desejo for de trabalhar bem ele vai atrapalhar a minha escuta tanto quanto se fosse o desejo de que o paciente melhorasse.

P: Mas como é, numa sessão, ficar sem conseguir interpretar? Sem captar qualquer sentido?

R: É chato pra chuchu, mas é tipo “fica quieto”. Se você não está compreendendo, não abra a boca para dizer nada e tenha a esperança de que, se você ficar quieto, alguma coisa acontecerá. Não tente disfarçar. (risos) Se você não conseguiu, não conseguiu. Não há nada a fazer.

P: Esse parece o caso do músico de jazz. Costuma-se dizer que, numa noite ruim, as notas não vêm às mãos e não há nada que o músico possa fazer.

R: Sim, o músico é um sacerdote da música. Ela age através dele se ela resolver agir...

P: E o psicanalista é um sacerdote da linguagem?

R: É um sacerdote da escuta, é alguém que está submetido à análise. Isso quer dizer que ele pode não aceder à região do sentido. Lógico que talvez haja uma explicação para isso, mas naquele momento ele não vai poder buscar. Ele deve continuar na escuta. Depois ele até pode pensar sobre o que aconteceu, mas naquele momento... é como um jogo de futebol. Se o jogo está indo mal você vai tentar berrar com o time para se empenhar

mais ou vai tentar uma jogada, sei lá, chutar de fora da área... é uma coisa assim de tentar até o final.

P: O interessante é que a boa jogada não é uma escolha e a má também não. Mas são tidas como escolhas...

R: Nessas atividades tudo o que podemos dizer é que naquele momento da nossa vida a gente tem uma determinada relação com a falta. Se é uma relação boa, no sentido assim de aceitar a falta, as coisas correm bem. Se é uma situação em que a gente quer segurança, as coisas correm mal. Se a gente quer atingir um resultado, elas correm mal. Se a gente faz o que deve ser feito, correm bem. É fazer o que a gente se propõe a fazer sem buscar um resultado, sem subordinar isso ao que quer que seja.

P: No “Recomendações aos Médicos...”, Freud acerta em cheio com a noção do *furor sanadis*, mas esse texto parece não ser muito considerado por lacanianos ou kleinianos.

R: “Recomendações...” é um texto fantástico. Se a gente olhar as implicações dele a gente vai longe na teoria psicanalítica sobre o método. Mas é um texto que não é lido porque ofende o senso-comum psicanalítico, que é muito forte. Eu assisti a uma conferência de um laciano que, aliás, falou coisas muito pouco lacianas. Era um cara muito comunicativo, muito explícito, sem aquele lacanismo horrível. Foi uma surpresa muito agradável, ele respondeu a várias perguntas de forma brilhante. Mas, num determinado momento, ele falou sobre o conceito de atenção flutuante criticando-o veementemente. E a argumentação deu a entender que é impossível a atenção flutuante. “Como o analista não vai selecionar as coisas que o paciente fala?” Assim, literalmente... acho que eu não estou distorcendo o que ele falou. E eu achei de uma incompreensão absoluta, quer dizer, ele poderia criticar a atenção flutuante, óbvio. Mas, assim, explicar por que ele vê a atenção flutuante como impossível. Ele nem explicou. Ele declarou: “é impossível, a gente seleciona”. É mais ou menos como um kleiniano que diria “é impossível não sentir alguma coisa quando o paciente fala, é impossível não contra-transferir”. Mas Freud não chegou a isso (a atenção flutuante) à toa. Ele veio da interpretação dos sonhos, das associações livres relacionadas às imagens dos sonhos, quer dizer, tem todo um caminho de descobertas que vai dar nessa afirmação do Lacan de que “o inconsciente se caracteriza por não deixar nenhuma ação fora do seu campo”, e que implica a noção de discurso. A crítica dele (do laciano) era que não tem nada de discurso. Era muito ruim, muito inespecífica.

P: Porque a seleção de partes do discurso se daria por algo externo à fala presente.

R: Exatamente. Não é o sentido que é destilado dessa fala presente. É uma referência à teoria ou, sei lá, a um fenômeno que o psicanalista considera ser mais significativo do que outras partes da fala. Então algo que deveria ser tão básico na psicanálise não é discutido: o método. Mas a posição do psicanalista é a posição do

cientista. Ele não pode tentar preencher um fato, ou desejar preencher um fato. Ele deseja que o fenômeno promova nele a compreensão do que ele estrutura. Um cientista que pesquisa tem essa atitude de encarar sempre que ele não sabe e que não vai se contentar com nenhum simulacro determinado pelo seu desejo de descobrir alguma coisa. Quer dizer, ele está fazendo aquilo porque ele quer descobrir, mas essa motivação tem que ser jogada fora senão ele vai querer forçar uma descoberta, vai querer avançar uma solução. Na postura científica você se vê diante do fenômeno que você se propôs a investigar e que, na psicanálise, não é outra coisa senão a palavra do paciente. Não é a pessoa. Então há uma determinada relação com a falta que é necessário ter nesse momento e que é a mesma do cientista que está em contato com a sua descoberta. Ele chegou lá porque ele descartou explicações ligadas a aquilo que a comunidade científica pudesse preferir ou que não problematizasse descobertas anteriores... enfim, ele tem que aceitar a falta, aceitar que aquilo não tem explicação, que ele não sabe o que que é aquilo e que ele pode não vir a saber. Ele tem que aceitar que talvez ele se frustre. Einstein, por exemplo, ficou vinte anos tentando fazer a teoria unificada da relatividade e dos quanta. Não conseguiu e não se contentou com nada do que ele conseguiu. Ele descobriu no caminho uma série de coisas que não tinham a ver com isso, que eram efeitos colaterais da relatividade. Ele achou uma série de coisas interessantes, mas não o que ele queria. Ele ficou vinte anos nisso e todo mundo achando que ele era físico em fim de carreira. Deve ter ficado narcisicamente frustrado, mas ele fez de acordo com as convicções dele. Era o que ele queria, ele foi atrás.

P: Na psicanálise essa é uma atitude instantânea?

R: É. Você pode ouvir em atenção flutuante, mas se não chegar a nada, paciência. Você entrou na sala, é um risco. Você tem que aceitar.

P: A idéia de que várias sessões por semana ajudam o paciente a chegar em camadas mais profundas de sua fantasia por esgotarem os assuntos ditos cotidianos é algo útil?

R: É um argumento interessante, mas eu discordo pelo seguinte: não existem conteúdos mais importantes do que outros. Essa explicação é mais ou menos assim: esgota-se o superficial e a terceira sessão seria ligada a o que você realmente sente, suas fantasias. Então quanto maior o número de sessões, maior a chance de que a gente saia do trivial, saia da região que a resistência domina e através da qual ela se expressa. Eu discordo porque acho que nenhum conteúdo é mais importante do que outro. Se o cara falar que queria transar com a mãe isso não é mais importante do que se ele falar da cor do sapato que ele escolheu para sair naquele dia.

P: Porque, de qualquer forma, não é disso que ele está falando.

R: Exato. O conteúdo manifesto é só conteúdo manifesto. E se ele falar que quer transar com a mãe, isso vai ter um sentido que não é isso. Querer transar com a mãe não é

o Édipo. Querer transar com a mãe ajuda a compor a região metafórica tanto quanto o cara dizer “essa parede é branca”. Não é mais nem menos importante.

P: Você não trabalha com mais de uma vez por semana?

R: Trabalho. Depende do paciente, eu não exijo. Depende do momento em que ele está. Na entrevista eu pergunto se ele prefere fazer uma, duas sessões ou mais sessões e deixo a critério dele. Do ponto de vista do paciente, ele pode fazer mais vezes porque quer entrar em contato com uma série de aspectos daquilo que o está perturbando. O analista não vai compreender mais sobre a estrutura inconsciente porque ele não acumula compreensão através das sessões, ele sempre tem que decifrar aquela sessão. Mas do ponto de vista da pessoa pode ser interessante porque as interpretações podem, digamos, acelerar a desmetaforização e isso pode mudar a relação mais rapidamente entre os discursos inconsciente e consciente dela. Desse ponto de vista eu acho que a frequência maior ajuda. Se a pessoa está em crise eu acho que seria legal. Eu, por exemplo, mexo no preço tranquilamente se a pessoa quiser e não tiver disponibilidade econômica de fazer mais sessões, tipo duas, três ou quatro. Isso pode ser benéfico pra ela, mas eu não vou compreender melhor porque ela faz com mais frequência. Cada sessão será a mesma coisa. Tem que usar o método para desmetaforizar aquela sessão.

P: É possível algum *feedback* de que o paciente está melhor com a análise? Porque imagino que qualquer declaração durante a sessão será usada como material...

R: É material, mas você pode até dizer “é material, mas é uma demonstração de que a análise funcionou”. Não. É melhor não fazer isso. Mesmo que a pessoa não disser e você perceber pelo discurso dela que a interpretação que você dá pela primeira vez, sei lá, em alguns meses ou... enfim, que a metáfora que ela extraiu de você, que ela fez você manifestar na interpretação não aponta para um conflito, você tem um critério para pensar que ela melhorou. Mas por outro lado, é um conjunto de associações livres. Com que base eu poderia dizer assim, “a minha interpretação hoje é uma interpretação que não aponta para um conflito, pelo contrário, aponta para a superação de um conflito... o paciente foi tratar de algo que dá prazer a ele e é a primeira vez que ele diz, ou raramente ele diz”? Ou por que que eu vou tomar isso como um critério para dizer “então mudou alguma coisa no discurso dele como um todo”? Eu não posso me basear nisso para extrair uma conclusão tão ambiciosa em relação a uma sessão. Mas você poderia dizer “e com dez sessões? Ele só falou de conflito e a interpretação que você deu apontava para conflito e, depois do mês ‘x’, foram dez sessões que todas as suas interpretações foram diferentes e a metáfora que você pegou não era uma metáfora conflitiva.” Se você for se basear numa questão empírica, se adotar o critério empírico, factual, pode dizer “bem, é provável que alguma coisa esteja acontecendo com ele”. Mas daí se coloca a questão: como você sabe que isso foi da

análise? O que te garante isso? Interprete e não se preocupe com isso. Se você se preocupar, só vai te atrapalhar.

P: E no caso da sua melhora como analista? Você avalia uma melhora na sua atuação com o tempo, algo como um destilar da prática?

R: Pode ser. Pode ser que no meu imaginário... eu não nego que eu possa lembrar de sessões em que realmente deu pra perceber a metáfora opaca, deu pra levantar cada parte do discurso e enxergar a região metafórica muito bem, muito nitidamente. E essa convicção pode ter aumentado, vamos dizer assim, com o tempo. Eu acho que influi, sim, na sua interpretação. Acho que isso aconteceu. Mas por outro lado, eu não posso deixar de ter uma crítica em relação a isso, quer dizer, uma crítica a essa percepção porque eu sou parte interessada. Sendo parte interessada, por mais que eu pudesse até dizer que não é imaginário, que pudesse registrar as sessões e criticar minha interpretação, a simples intenção de fazer isso já denota a presença do desejo, do imaginário, da completude.

P: A postura artística, diferente da postura científica, parece ser mais ligada ao criar. Você acha que a psicanálise está definitivamente mais ligada à postura científica do que à artística?

R: Mas o artista não é diferente. Mesmo que ele diga esse “eu vou criar”, a atitude do artista mesmo é deixar que aquilo que vai se criar através dele aconteça. É ser o veículo de algo que o ultrapassa, que está fora das intenções dele de dominar o tema, seja na música ou onde for. Acho que aí é o caso de um poema maravilhoso que eu sempre esqueço o título e que não lembro direito, mas que fala “se você for fazer um poema porque está apaixonado, não o faça”... e todo motivo para o cara escrever um poema é um motivo para ele não escrever. E no final ele fala assim: “só escreva se você não puder deixar de escrever”. Então o artista é só aquele que não tem alternativa a não ser expressar aquilo que quer se expressar através dele. É algo como “seja um humilde sacerdote, um instrumento”.